

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

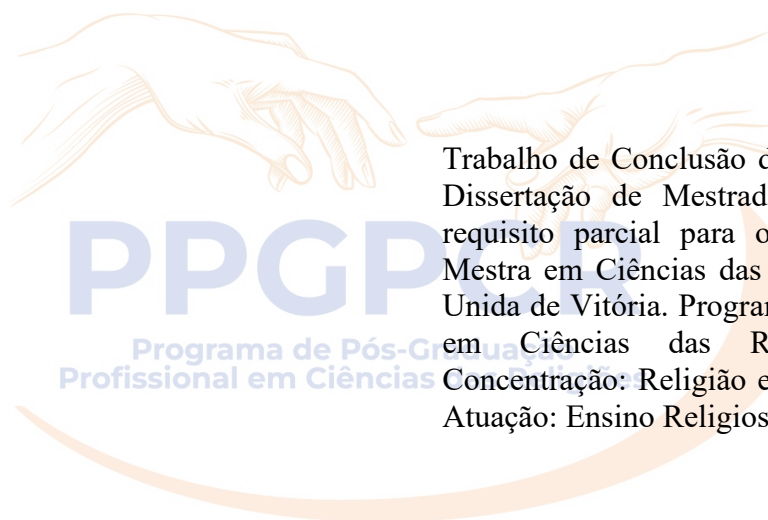
JULIANA VIDAL PRADO



O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA NA “UMEI TEREZINHA AGOSTINI
PAGOTTI” A PARTIR DA FESTA JUNINA NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO COM
OS PAIS E RESPONSÁVEIS.

JULIANA VIDAL PRADO

O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA NA “UMEI TEREZINHA AGOSTINI
PAGOTTI” A PARTIR DA FESTA JUNINA NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO COM
OS PAIS E RESPONSÁVEIS.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestra em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Ensino Religioso Escolar.

Orientador: Sergio Luiz Marlow

VITÓRIA-ES

2025

Prado, Juliana Vidal

O diálogo entre religião e cultura na “UMEI Terezinha Agostini Pagotti” a partir da Festa Junina na escola / Um estudo de caso com os pais e responsáveis / Juliana Vidal Prado. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

ix, 81 f. ; 31 cm.

Orientador: Sergio Luiz Marlow

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

Referências bibliográficas: f. 79-81

1. Ciência da religião. 2. Ensino religioso escolar. 3. Ensino religioso. 4. Religião e cultura. 5. Festa Junina. 6. Educação Infantil. - Tese. I. Juliana Vidal Prado. II. Faculdade Unida de Vitória, 2025. III. Título.

JULIANA VIDAL PRADO

O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA NA ‘UMEI TEREZINHA AGOSTINI’, A
PARTIR DA FESTA JUNINA NA ESCOLA:
UM ESTUDO DE CASO COM OS PAIS E RESPONSÁVEIS



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 13 mar. 2025.

Sérgio Luiz Marlow, Doutor em História Social, UNIDA (presidente).

Abdruschin Schaeffer Rocha, Doutor em Teologia, UNIDA.

Cione Marta Raasch Manske, Doutora em História.



Dedico este trabalho aos meus alunos e alunas
que com toda pureza da infância fazem meus
dias mais felizes.

AGRADECIMENTO

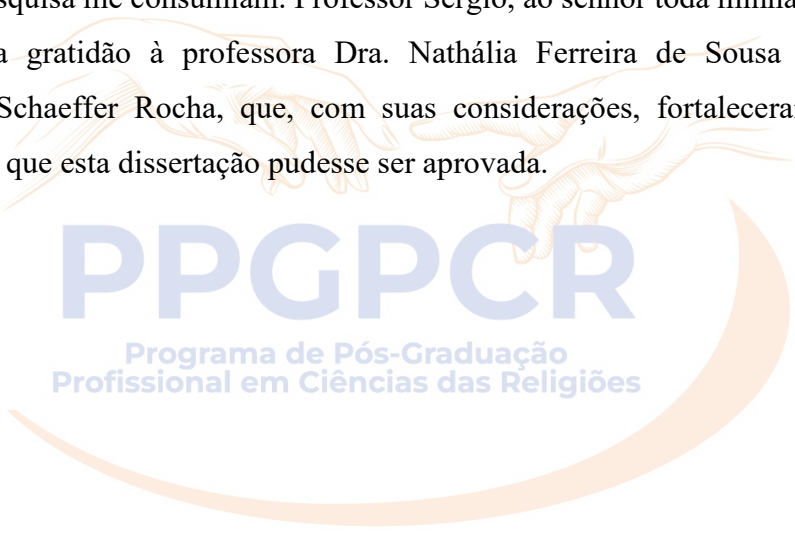
No decorrer desse percurso, a palavra que mais expressa todo meu sentimento é gratidão. Minha gratidão a Deus, por estar sempre me guiando, abençoando e me levantando em todos os momentos em que pensei em desistir.

Gratidão ao meu filho, Rafael, que, com sua alegria e amor incondicional, fez-me sentir forte para prosseguir todas as manhãs.

Ao meu esposo, que abraçou esse desafio desde o primeiro momento e que sempre me ajudou a superar cada barreira com amor e paciência.

Carinhosamente, agradeço ao meu orientador, professor Dr. Sérgio Luiz Marlow, que, com sua calma, paciência e profissionalismo, generosamente trouxe clareza quando as dúvidas sobre esta pesquisa me consumiam. Professor Sérgio, ao senhor toda minha admiração!

Minha gratidão à professora Dra. Nathália Ferreira de Sousa Martins e ao Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha, que, com suas considerações, fortaleceram e guiaram meu trabalho para que esta dissertação pudesse ser aprovada.



PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

RESUMO

A pesquisa tem por tema: O diálogo entre religião e cultura na “UMEI Terezinha Agostini Pagotti” a partir da festa junina na escola: um estudo de caso com os pais e responsáveis. Este tema se justifica, dentre outros motivos, pela percepção da pesquisadora sobre os preconceitos que ocorrem no interior da comunidade escolar no que tange à participação das crianças nas festas juninas. Nota-se todos os anos, durante o período de realização das festas juninas, entre os meses de julho e agosto, que algumas crianças não participam das atividades da festa por falta de autorização por parte de seus pais e responsáveis. Por isso, a questão central que norteia a pesquisa é seguinte: Qual a percepção dos pais, mães e responsáveis das crianças que estudam na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” em relação à festa junina e por que eles/as não autorizam a participação de seus filhos/as nessa festa na escola? Como objetivo geral, busca-se identificar qual a percepção dos pais em relação a festa junina e em que medida a decisão dos pais, das mães e dos/as responsáveis pela não autorização da participação das crianças nas festas juninas na escola esbarra nas atitudes de intolerância e preconceito religioso no ambiente escolar. Os objetivos específicos da pesquisa compreendem a necessidade de: investigar a tradição cultural e religiosa da festa junina no Brasil e nas instituições escolares; identificar se as manifestações da festa junina são mencionadas nos documentos curriculares educacionais do sistema educacional de Vila Velha-ES; contribuir com o diálogo entre religião e cultura, através da reflexão sobre o fenômeno da festa junina, investigando possíveis atitudes de intolerância religiosa; elaborar um estudo dirigido sobre a religião e a cultura na escola, com o intuito de dialogar com os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, no início do ano letivo, objetivando esclarecer sobre a metodologia e a realização da festa junina na escola. A metodologia pauta-se na pesquisa bibliográfica e estudos exploratórios, a partir do referencial teórico das Ciências das Religiões para interpretação dos fenômenos religiosos. Sugere-se, ao final deste estudo, um “estudo dirigido” sobre a importância da festa junina na escola, visando romper com o racismo religioso e com a intolerância religiosa.

Palavras chaves: Cultura. Religião. Festa Junina. Educação Infantil.

ABSTRACT

The research has as its theme: The dialogue between religion and culture with parents and guardians at UMEI "Terezinha Agostini Pagotti" from the June party at school. This theme is justified, among other reasons, by the researcher's perception of the prejudices that occur within the school community regarding the participation of children in the June festivals. It is noted every year, during the period of the June festivals, between the months of July and August, that some children do not participate in the activities of the festival due to lack of authorization from their parents and guardians. Therefore, the central question that guides the research is the following: What is the perception of the fathers, mothers and guardians of the children who study at UMEI "Terezinha Agostini Pagotti" in relation to the June festival and why do they not authorize the participation of their children in this party at school? As a general objective, it seeks to identify to what extent the decision of fathers, mothers and guardians for not authorizing the participation of children in the June festivities at school comes up against attitudes of intolerance and religious prejudice in the school environment. The specific objectives of the research include the need to: investigate the cultural and religious tradition of the June festival in Brazil and in school institutions; to identify whether the manifestations of the June festival are mentioned in the educational curriculum documents of the educational system of Vila Velha-ES; contribute to the dialogue between religion and culture, through reflection on the phenomenon of the June festival, investigating possible attitudes of religious intolerance; to prepare a directed study on religion and culture at school, with the aim of dialoguing with the fathers, mothers and guardians of the children enrolled in the UMEI "Terezinha Agostini Pagotti", at the beginning of the school year, aiming to clarify the methodology and the realization of the June festival at school. The methodology is based on bibliographic research and exploratory studies, based on the theoretical framework of the Sciences of Religions for the interpretation of religious phenomena. At the end of this study, a "directed study" on the importance of the June festival in school is suggested, aiming to break with religious racism and religious intolerance.

Keywords: Culture. Religion. Junina Festival. Early Childhood Education.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
1 O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES, RELIGIÃO E CULTURA	17
1.1 Conceituando as Ciências das Religiões.....	18
1.2 Dialogando com as concepções de religião e cultura	23
1.3 Religião e cultura na Educação Infantil	31
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO CULTURAL DA FESTA JUNINA E SEU IMPACTO NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	37
2.1 Festa junina como manifestação cultural e religiosa	37
2.2 A Educação Infantil de Vila Velha e a participação das crianças nas festas juninas.....	44
2.3 UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” como cenário de pesquisa	48
3 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O COMBATE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA UMEI “TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI”	54
3.1 Observar, ouvir e registrar: a pesquisa com os pais, mães e responsáveis	57
3.2 Conflitos e diálogos sobre a realização da festa junina na escola: religião e cultura	66
3.3 Estudo dirigido: importância da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”.....	73
CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICE A: ENTREVISTA COM OS PAIS, MÃES E RESPONSÁVEIS	81
ANEXO A: DECLARAÇÃO DE MATRÍCULA NO MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	82

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CIPA	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
CST	Companhia Siderúrgica de Tubarão
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ER	Ensino Religioso
ES	Espírito Santo
FAPES	Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo
FONAPER	Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso
FUV	Faculdade Unida de Vitória
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
IJSN	Instituto Jones dos Santos Neves
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MPB	Música Popular Brasileira
PPP	Projeto Político Pedagógico
SECTI	Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação, Educação Profissional
SEDU	Secretaria de Estado da Educação
SEMED	Sistema Municipal de Educação
SGE	Sistema Geral da Educação
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UMEF	Unidade Municipal de Ensino Fundamental
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por tema: *O diálogo entre religião e cultura na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” a partir da festa junina na escola: Um estudo de caso com os pais e responsáveis*. Este tema se justifica, dentre outros motivos, pela percepção desta pesquisadora¹ sobre os preconceitos que ocorrem no interior da comunidade escolar, em especial em torno da participação das crianças nas festas juninas. Nota-se que, anualmente, durante o período das festas juninas, entre os meses de julho e agosto, algumas crianças não participam das atividades dessas festas sob a justificativa de que seus pais, mães e responsáveis não as autorizam a participarem de tal evento.

O ingresso da autora da pesquisa na rede municipal de ensino de Vila Velha-ES ocorreu quando ela assumiu uma cadeira como professora regente na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, para trabalhar com crianças de zero a cinco anos. Desde então, a pesquisadora se dedica à Educação Infantil com grande empenho. Sua experiência profissional na instituição escolar supramencionada é um reflexo do compromisso com a promoção do bem-estar das crianças. A prática pedagógica que a autora da pesquisa desenvolve é baseada em um profundo entendimento do desenvolvimento infantil e, através de seu trabalho diário, procura criar um ambiente de aprendizagem seguro, acolhedor e estimulante para todas as crianças.

A concepção de infância da autora da pesquisa centra-se no respeito à individualidade de cada criança e à integralidade de seu desenvolvimento. Ela acredita que cada criança é única, de maneira que seu ritmo de crescimento deve ser respeitado e apoiado. No desenvolvimento de seu trabalho pedagógico com as crianças, a autora da pesquisa valoriza a abordagem holística, considerando as necessidades emocionais, sociais e cognitivas das crianças. Essa visão é refletida nas metodologias aplicadas na sala de aula, bem como na forma como busca criar um ambiente de aprendizagem capaz de promover o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças.

No contexto de aprendizagens supramencionado, percebe-se que algumas crianças ficam chateadas quando seus pais, mães ou responsáveis não as autorizam participar de ensaios e apresentações das festas juninas realizadas pela escola. A festa junina é uma manifestação do calendário anual da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) “Terezinha Agostini Pagotti”, que envolve a equipe pedagógica – composta por todos/as os/as profissionais da escola

¹ Sou Juliana Vidal Prado, professora estatutária da rede de ensino municipal de Vila Velha-ES, há 16 anos. Minha atuação profissional acontece na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, sendo marcada por uma significativa transição de uma carreira técnica administrativa para a educação mais precisamente na etapa da Educação Infantil.

– em torno dos processos de arrecadação de alimentos e brindes, através de gincanas, ensaios de músicas para apresentação e decoração do espaço escolar. A escola é decorada com bandeirolas, tecidos coloridos e outros elementos que remetem à paisagem rural, isto é, da “roça” ou da vida no “interior”².

No ano de 2020, durante a organização do evento da festa junina na escola, assim como ocorre em todos os anos letivos, a pesquisadora promoveu um ensaio com as crianças da turma do infantil V, com a música *Olha o fogo, olha o fogaréu*, da banda Chiclete com Banana. Naquele dia, uma menina estava chorando, porque queria participar da dança, mas sua família não havia autorizado sua participação no evento da festa junina. A menina deveria permanecer no local do ensaio, porém, nos limites da observação, de modo que apenas brincava com massinha, enquanto seus colegas ensaiavam e se divertiam com a música.

O comportamento de tristeza daquela criança desencadeou um misto de sentimentos na autora da pesquisa, o que a estimulou a desenvolver um olhar mais reflexivo sobre esse tipo de situação. Apesar de ser comum o fato de alguns pais, mães e responsáveis não autorizarem as crianças a participarem das apresentações, dessa vez, a pesquisadora viu-se incomodada e começou a pensar em estratégias pedagógicas para garantir às crianças o desejo e a possibilidade de brincar e interagir com seus colegas nas festas juninas escolares, sem interferir na tradição religiosa de cada família.

Ao conversar com uma amiga sobre tal situação, a autora da pesquisa vislumbrou a oportunidade de buscar um aprofundamento sobre essas questões, a partir do campo das Ciências das Religiões. Desde então, iniciou-se um processo de curadoria nas bibliotecas virtuais sobre as pesquisas já realizadas sobre a temática da festa junina. A cada dissertação lida, o desejo de investigar esse tema foi aumentando, até recair na decisão de, a partir do aporte teórico já construído por outros/as cientistas das religiões que se debruçaram sobre esse tema, elaborar o próprio tema e delimitar uma questão investigativa com o objetivo de levantar hipóteses para sua inquietação enquanto pesquisadora e professora da Educação Infantil.

Dessa maneira, ocorreu o ingresso no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (FUV), com a apresentação de uma proposta de tema supramencionada. O tema se justifica por se tratar de uma temática que exige reflexões a cada ano letivo no interior das escolas brasileiras sobre a percepção religiosa e cultural dos estudantes e seus familiares. Embora o Ensino Religioso seja reconhecido como um componente curricular, na sociedade contemporânea, ainda acontecem as situações de desrespeito e

² VILA VELHA (Cidade). UMEI Terezinha Pagotti. *Projeto Político Pedagógico*. Vila Velha: Secretaria Municipal de Educação, 2023. p.12.

preconceitos em relação às diferentes culturas religiosas no âmbito escolar. Muitas vezes, práticas proselitistas são reforçadas. Desse modo, faz-se necessário que os pais, mães e responsáveis pelas crianças tenham a oportunidade de conhecer e dialogar sobre a religião e a cultura, de forma ampla e crítica, para que, a partir desse diálogo, seja possível definir a participação das crianças nas festas juninas na escola de maneira neutra respeitando a identidade religiosa das crianças e ao mesmo tempo garantindo-as o direito ao conhecimento e a cultura.

A hipótese incipiente da pesquisa é que os pais, mães e responsáveis frequentadores/as das religiões neopentecostais ou pentecostais são mais resistentes em deixar e/ou autorizar as crianças a participarem da festa junina na escola. Em geral, eles/as consideram esse evento como uma festa que celebra a idolatria aos santos da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) ou divindades africanas. A festa junina na escola envolve outras características que remetem à cultura. Diante disso, defende-se uma hipótese corolária, que considera que a resistência de alguns pais, mães e responsáveis em autorizar a participação das crianças na festa junina da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” está relacionada às crenças religiosas que percebem essa celebração como contrária aos valores de sua fé, sob a influência de interpretações teológicas que associam elementos da festa junina à idolatria ou práticas culturais incompatíveis com seu arcabouço doutrinário. No entanto, tal resistência pode ser mitigada por meio de diálogo inter-religioso e de ações educativas que procuram enfatizar o caráter cultural e inclusivo do evento, promovendo maior aceitação e compreensão entre a comunidade escolar.

Neste fito, em relação aos pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, a pesquisa se orientará pela seguinte questão-problema: qual a percepção dos pais, mães e responsáveis das crianças que estudam na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” em relação à festa junina na escola, e por que eles/as não autorizam a participação de seus filhos/as na festa junina na escola?

O objetivo geral da pesquisa busca identificar qual a percepção dos pais em relação festa junina e em que medida a decisão desses pais, mães e responsáveis de não autorizar as crianças a participarem da festa junina na escola esbarra nas atitudes de intolerância e preconceito religioso no ambiente escolar. Os objetivos específicos da pesquisa compreendem a necessidade de: investigar a tradição cultural e religiosa da festa junina no Brasil e nas instituições escolares; identificar se as manifestações da festa junina são mencionadas nos documentos curriculares educacionais do sistema educacional de Vila Velha-ES; contribuir com o diálogo entre religião e cultura, através da reflexão sobre o fenômeno da festa junina, investigando as possíveis atitudes de intolerância religiosa; elaborar um estudo dirigido sobre a religião e a cultura na escola, com o intuito de dialogar com os pais, mães e responsáveis pelas

crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, no início do ano letivo, com o objetivo de esclarecer sobre a metodologia e a realização da festa junina na escola.

A referida proposta de estudo dirigido será voltada para pais, mães e responsáveis de crianças da Educação Infantil, com foco na festa junina como expressão cultural. Previsto para ser realizado semestralmente, o estudo visa promover o diálogo entre a escola e as famílias, destacando a importância do conhecimento sobre cultura e tradições a partir das Ciências das Religiões. Entre as atividades propostas estão palestras expositivas com apoio de slides, participação de um professor de história, discussões coletivas sobre novas formas de celebrar a festa junina e elaboração de um formulário com sugestões. Sugere-se também uma festa junina participativa, em que as famílias contribuam com danças, decorações e elementos culturais próprios. Três estratégias são indicadas: abordar as origens históricas da festa, valorizar as celebrações regionais (com destaque para música, danças e culinária típica) e promover diálogos interculturais sobre as práticas da festa em diferentes contextos. A avaliação será feita por meio de uma roda de conversa, em que as famílias compartilharão impressões sobre o estudo e apresentarão suas tradições religiosas, com os resultados expostos na mostra cultural da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. O projeto está previsto para ser realizado entre maio e junho de 2025, com o objetivo de fortalecer a compreensão e o respeito à diversidade cultural no contexto escolar.

Em seu percurso metodológico, a pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica e exploratória, com abordagem teórica que visa apresentar análises de estudos já concluídos que problematizaram a festa junina no Brasil e no Município de Vila Velha-ES, através de pesquisas em *sites* acadêmicos assim como no repositório da FUV.

Para Antônio Gil, a pesquisa bibliográfica se constitui como um método que favorece a inserção do/a pesquisador/a com o material a ser pesquisado. Nas palavras do autor:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa.³

Ao prosseguir na busca em atender aos requisitos que visam à qualidade da presente pesquisa, optou-se por dialogar com o estudo exploratório descritivo, demonstrando como é

³ GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 45.

possível dialogar com os pais, mães e responsáveis e discutir sobre a importância de preservar os direitos de aprendizagens das crianças na escola. Considera-se que as interações e as brincadeiras que ocorrem durante a preparação e participação na festa junina são experiências potentes para o desenvolvimento cultural integral das crianças.

Nessa direção metodológica Norman Denzin e Yvonna Lincoln esclarecem que o objetivo de uma pesquisa exploratória consiste na familiarização com um assunto ainda pouco conhecido ou explorado. Trata-se de uma pesquisa muito específica que pode assumir a forma de um estudo de caso. Para os autores, nesse tipo de pesquisa, há sempre alguma obra ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão dos fatos e/ou dos fenômenos.⁴

Entre os métodos de análise de dados utilizados, propõe-se: identificar os pais, mães e responsáveis que, entre 2022 e 2023, não autorizaram seus filhos/as a participarem da festa junina na escola; elaborar e aplicar entrevistas semiestruturadas com os pais, mães e responsáveis identificados/as como aqueles/as que proibiram a participação de suas crianças nas festas juninas; analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP); delimitar obras como artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que recorreram ao referencial teórico que fundamenta este estudo, ou seja, textos que possam convergir com o pensamento interpretativo de Clifford Geertz.⁵

Geertz define a cultura como um “sistema de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida”⁶. As contribuições desse pensador fundamentam os elementos necessários para os esclarecimentos científicos sobre a relevância da posição dos pais, mães e responsáveis em sua atitude de proibir a participação das crianças nas festas juninas escolares.

Para melhor compreensão do sistema de significados expressados pelos sujeitos da pesquisa, faz-se necessário compreender que a população focalizada neste estudo tem por características serem pais, mães e responsáveis como tios, tias, avós e padrastos e madrastas, indivíduos que constituem o núcleo familiar das crianças que frequentam a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Segundo as informações contidas no PPP dessa UMEI, muitas dessas

⁴ DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 35.

⁶ GEERTZ, 1989, p. 35.

famílias vivem com as contribuições sociais do Governo Federal e/ou de renda obtida através de empregos informais. São famílias que, em geral, possuem pouca ou nenhuma instrução escolar.

Esses aspectos são pontos a serem considerados na pesquisa, porque eles podem tornar tais famílias vulneráveis em relação à influência de lideranças religiosas no direcionamento dos valores morais e nas ações culturais de seu grupo. Por exemplo, muitas famílias não apreciam músicas sertanejas ou Música Popular Brasileira (MPB) pelo seu caráter secular, sendo, desse modo, julgada por líderes religiosos como “pecado” a prática de ouvir tais músicas. Compreende-se que o mesmo pensamento é reverberado na proibição das crianças que desejam participar da festa junina na escola.

A pesquisa encerra com a elaboração de uma proposta de estudo dirigido sobre a importância da festa junina na escola, envolvendo o tema sobre a religião e a cultura na escola. Tem-se o interesse de dialogar com os pais, mães e responsáveis da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, no início do ano letivo, com a intenção de esclarecer sobre a metodologia e a realização da festa junina na escola e, assim, contribuir, de maneira ampla, para o conhecimento sobre as Ciências das Religiões no ambiente escolar. Com essa proposta – produto final da pesquisa –, busca-se esclarecer a importância das tradições culturais e do conhecimento sobre as diferentes religiões para a formação das crianças, através da realização de uma roda de conversa.

A pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, debate-se sobre a religião e a cultura, esclarecendo como a religião faz parte da cultura dos povos, cabendo a cada grupo social a interpretação e a perpetuação de suas tradições. No segundo capítulo, esclarece-se acerca do surgimento da festa junina na história, isto é, como essa festa chegou ao Brasil e no contexto escolar. Destaca-se sua relevância na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, apresentando a localização regional da escola e as principais características do público-alvo da pesquisa.

O terceiro e último capítulo apresenta os dados que demonstram as possíveis atitudes de intolerância religiosa entre os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na escola pesquisada. O objetivo corolário consiste em conhecer e identificar o que essas pessoas pensam sobre a participação das crianças nas festas juninas realizadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Ao final da pesquisa, apresenta-se a proposta de um estudo dirigido com alternativas possíveis para pensar a participação das crianças, a partir do diálogo reflexivo e sensível com suas famílias, para que eles/as tenham a oportunidade de transformar suas concepções em relação à participação das crianças nas respectivas festas juninas.

O estudo dirigido tem como proposta apresentar três estratégias de diálogo reflexivo com os pais, mães e responsáveis. O objetivo consiste em esclarecer sobre a realização da festa junina na escola e, com isso, contribuir de maneira ampla para o conhecimento sobre as Ciências das Religiões no ambiente escolar. Pretende-se realizar isso através de roda de conversas com pequenos grupos da comunidade escolar.

As considerações finais representam o maior desafio da pesquisa, diante do desejo de encontrar as respostas para compreender o motivo pelo qual os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” não aprovam a participação delas na festa junina. Esse desafio impulsiona a realização criteriosa de um estudo teórico e de caso, mas as respostas e as entrevistas podem ser desafiadoras para o campo das Ciências das Religiões, ao estudar e respeitar os diferentes fenômenos religiosos que, muitas vezes, as famílias não conseguem compreender.

Espera-se apresentar os desdobramentos deste estudo com reflexões capazes de contribuir de maneira prática na didática da escola em relação ao acolhimento das crianças que se sentem cerceadas por não participarem da festa junina, construindo caminhos possíveis para levar as famílias a participarem dos eventos culturais apresentados na escola. Parte-se, agora, para a construção dos capítulos, que constituem um rico instrumento teórico e prático capaz de oportunizar o diálogo entre religião e cultura com os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, a partir da festa junina na escola.

1 O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES, RELIGIÃO E CULTURA

O diálogo entre Ciências das Religiões, religião e cultura tem sido recorrente nas pesquisas disponíveis no Repositório da FUV, assim como em outros sítios eletrônicos acadêmicos, tais como: *SciELO*, *Google Acadêmico* e repositórios de diferentes universidades brasileiras. Em geral, as pesquisas refletem que os/as professores/as estão numa busca pela compreensão dos entrelaçamentos entre essas categorias e como elas se desdobram no cotidiano das escolas públicas brasileiras. As reflexões desse primeiro capítulo seguem na mesma direção de estudo e buscam compreender o que leva os pais, mães e responsáveis pelas crianças, com idade entre zero e cinco anos, a proibirem sua participação na festa junina na escola. A partir da compreensão de que as Ciências das Religiões constituem um modelo de ciência que problematiza o fenômeno religioso, procura-se entrelaçar as manifestações culturais e religiosas que se perpetuam através da celebração das festas juninas. Em geral, essas festividades ocorrem durante os meses de junho a agosto e são realizadas não só nas escolas, mas, também, nas comunidades, nos bairros, nas paróquias e até em pequenas celebrações familiares, por exemplo, quando a vizinhança se reúne para brincar, comer e esquentar o frio do inverno.

O presente capítulo procura articular conceitos oriundos do campo das Ciências das Religiões, a partir das noções de religião e cultura, compreendendo-as como uma rede interdependente que precisa ser delineada a partir desse campo de estudos. Esse esforço ajudará entender a importância do diálogo inter-religioso que, nesta pesquisa, pode ser analisado através das realizações das festas juninas nas escolas de Educação Infantil de Vila Velha-ES, onde as crianças que frequentam essa etapa da Educação Básica podem vivenciar seus direitos de aprendizagens, tais como o brincar, preconizados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por meio de sua participação nas festas juninas escolares.

Nesta seara, prossegue-se com a exploração do conceito de religião em uma perspectiva antropológica, examinando sua natureza multifacetada, sua função na organização social e sua relação com a diversidade cultural. Além disso, discute-se como a abordagem antropológica permite compreender a religião como uma expressão da experiência que reflete nas dinâmicas sociais e culturais de uma determinada sociedade. Isso será feito pelas vias das Ciências das Religiões.

1.1 Conceituando as Ciências das Religiões

As Ciências das Religiões constituem um campo disciplinar autônomo que surgiu em meados do século XIX, na Europa, com o objetivo analítico e crítico de pensar os fenômenos históricos, antropológicos e empíricos da religião, ampliando o conceito de religião do ponto de vista das ciências. Elas são consideradas, nesses termos, como um elemento âncora no construto dos fenômenos religiosos implícitos na religião e na religiosidade que se manifesta na cultura brasileira. As Ciências das Religiões contribuem para que os sujeitos e os grupos sociais percebam que não existe uma única religião ou uma verdade absoluta. As reflexões que possibilitaram o surgimento desse campo disciplinar ocorreram no contexto dos movimentos dos cultos das diferentes religiões estrangeiras, em processos de comparação com os fatos religiosos que se evidenciavam em decorrência do desenvolvimento nas sociedades europeias, no final dos dois últimos séculos.⁷

Os registros históricos demonstram que o campo das Ciências das Religiões passou por grande expansão, mormente durante o período de 1875 a 1914, quando surgiram na Europa as primeiras universidades, cuja exclusividade eram os estudos das religiões como disciplinas acadêmicas. Esses estudos se pautavam nas grandes navegações e nas investigações dos fenômenos religiosos, que estavam intrínsecas nos processos históricos e sociais ocasionados pela expansão econômica desenhada pelo advento do capitalismo.⁸

Segundo Flávio Senra, as Ciências das Religiões foram reconhecidas timidamente no Brasil, a partir de 1960, nas universidades que ofertavam cursos de graduação e pós-graduação inspirados nos modelos europeus e americanos, buscando compreender a pluralidade religiosa e cultural através da compreensão dos fenômenos religiosos como fruto da religião presente na diversidade da vida humana. Para Senra, essa narrativa demonstra que as Ciências das Religiões não se esgotam em conceitos prontos e acabados, mas que provoca a reflexão e o diálogo constante para que ela possa se consolidar enquanto currículo.⁹

Frederico Pieper explora e analisa os dois principais caminhos que as Ciências das Religiões percorreram no campo acadêmico. Ele explica que os primeiros cursos de licenciatura em Ensino Religioso surgiram nas universidades estaduais com ênfase na estrutura pedagógica. O objetivo era atender ao currículo escolar do Ensino Religioso, com ênfase na antiga tendência

⁷ ELIADE, Mircea. *Origens: perspectivas do homem*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 5-6.

⁸ SENRA, Flavio. A pós-graduação em Ciência da Religião e Teologia no quadriênio 2013-2016. *Revista Interações*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 526-533, 2018. p. 526-533.

⁹ SENRA, 2018, p. 526-533.

estrutural que primava por uma educação confessional e voltada para o proselitismo, por serem lecionadas por profissionais com formação inacabada e fora dos critérios de uma educação laica. O segundo modelo surgiu entre professores/as universitários que debatiam o caráter interdisciplinar das Ciências das Religiões e sua relevância para o campo acadêmico, de forma reflexiva e crítica, vislumbrando uma ruptura com as práticas prosélicas. Pieper, então, destaca que as Ciências das Religiões é um campo de estudo recente no Brasil, com aproximadamente cinquenta anos, com pouca expressividade nas universidades públicas. Contudo, para ele, este fato não torna essa área menos importante, posto que sua complexidade vai além do quantitativo de cursos de graduação e pós-graduação e suas tensões históricas.¹⁰

Para Pieper, uma das principais tensões em relação às Ciências das Religiões conduz ao conhecimento das estratégias que um grupo de padres e ex- padres criaram como propostas para tentar implementar um departamento teológico junto ao Conselho Federal de Educação, aproximadamente no final do século XX. Nesta época, não havia formação específica em nível em graduação para os profissionais que atuavam com o Ensino Religioso brasileiro. Desta forma, os profissionais que atuavam na Educação Básica nas aulas de Ensino Religioso tinham sua formação consolidada nas graduações em Ciências Humanas, como nos cursos de História, Psicologia ou Sociologia, Geografia, entre outras. Posteriormente, a consolidação se deu nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* com o nome de Ciência da Religião, o que fora chancelado pelo Ministério da Educação (MEC). No entanto, até a primeira década dos anos 2000, tais especializações não imprimiam a interdisciplinaridade e a neutralidade em seu currículo por ter um viés teológico, mantendo um ensino com enfoque no ensino confessional.¹¹ As estratégias para criar um departamento teológico no MEC foram vetadas pela Sucupira que, além de vetar o modelo teológico da Ciência da Religião, recomendou que fosse criado o departamento das Ciências das Religiões com foco não na formação básica para o clero. Mas, a condição para tal proposta previa a ênfase na formação interdisciplinar acadêmica, favorecendo o nascimento oficial das Ciências das Religiões a partir do modelo de estudo consolidado nos fenômenos religiosos e suas manifestações, com o objetivo de romper com os dogmas tradicionais, centrando-se na interdisciplinaridade e no pluralismo. Desse modo, a primeira graduação surgiu em 2012, após diferentes entraves e debates entre acadêmicos, religiosos e membros da sociedade civil organizada. Essas complexidades impediram a implementação de cursos de graduação em Ciências das Religiões por longos anos. Atualmente,

¹⁰ PIEPER, Frederico. Ciências da Religião nas universidades públicas brasileiras: modelos de implementação e desafios. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 25-45, 2019. p. 26-27.

¹¹ PIEPER, 2019, p. 30-31.

ainda existem debates e entraves políticos e econômicos que dificultam a consolidação desses cursos de graduação nas universidades públicas.¹²

Nesse sentido, a análise dos cursos de graduação revela que as primeiras ofertas contínuas surgiram em universidades estaduais. No começo da década de 2000, a Universidade do Estado do Pará (UEPA) e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) inauguraram as primeiras licenciaturas na área. Mais tarde, principalmente na década de 2010, observa-se a expansão desses cursos para as universidades federais. Essa progressão temporal tem uma explicação. Conforme Pieper, a criação de muitos cursos de graduação, sobretudo as licenciaturas, está ligada à necessidade de formar professores/as para o Ensino Religioso capaz de romper com as práticas confessionais e dogmáticas. Dado que o Ensino Religioso integra o currículo da Educação Básica, esses Estados investiram na formação específica de docentes, impulsionados pela Lei Nº 9.394/96 – com complementação da Lei nº 9.475/97 –, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que normatiza o Ensino Religioso. Com base nesse respaldo legal, foi possível exercer pressão sobre as administrações das universidades para a implementação desses cursos que muito timidamente começaram a surgir no território brasileiro.¹³

Nessa direção, os cursos de graduação em universidades federais surgiram na década de 2010, atribuindo-o principalmente ao projeto Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implementado durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva. O REUNI, que praticamente dobrou o número de estudantes em universidades públicas, criou novas universidades e novos campus, além de expandir as já existentes. Esse investimento e a contratação de novos professores/as viabilizaram a implementação de cursos de graduação, inclusive em instituições que antes ofereciam apenas pós-graduação em Ciências da Religião, como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Os programas de pós-graduação também se beneficiaram desse processo. Pieper argumenta que o REUNI criou as condições objetivas para a implementação e o fortalecimento desses cursos, explicando os aspectos cronológicos que promoveram novas políticas públicas e observando que essas influências tiveram papel crucial na expansão dos cursos de graduação em universidades federais, bem como na ruptura com o modelo catequético e confessional que existia anteriormente.¹⁴

¹² PIEPER, 2019, p. 30-31.

¹³ PIEPER, 2019, p. 30-31.

¹⁴ PIEPER, 2019, p. 35.

Para Pieper, os maiores desafios das Ciências das Religiões são as lacunas na formação dos/as professores/as que atuam nesta área que, muitas vezes, são profissionais do campo da educação e de licenciaturas de áreas afins. Para o autor, corre-se o risco de uma fragmentação em virtude da demasiada ênfase na interdisciplinaridade que, ao mesmo tempo, busca dar visibilidade à pertinência e ao rigor do estudo sobre religião na universidade pública. Para o autor, os pontos relevantes são a organização dos cursos a partir dos eixos que tratam de tradições religiosas, textos sagrados, teologia das religiões, ritos e ética e o importante papel que as Diretrizes Curriculares elaboradas pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER) tiveram para a estruturação desses cursos. Mesmo que o foco do FONAPER tenha sido a Educação Básica, essas diretrizes também tiveram impacto na formulação dos cursos de licenciatura das universidades públicas.

Marcelo Camurça alega que o modelo das Ciências das Religiões não se preocupa em julgar verdades e não conceitua os dogmas das diferentes religiões. Ao contrário, as Ciências das Religiões atuam de forma neutra, estudando os diferentes sistemas religiosos relacionados às concepções históricas e antropológicas, assim como as demais áreas das Ciências Sociais e Humanas. Essa concepção tem gerado debates inflamados em relação à metodologia e à expansão das Ciências das Religiões no campo acadêmico, na busca pela estruturação de seu currículo metodológico enquanto campo de estudo.¹⁵

Camurça discute sobre as hipóteses metodológicas para as Ciências das Religiões, esclarecendo que o longo processo de compreensão do conceito de religião institucional contribui para os problemas que surgem ao estudar os fenômenos religiosos. Ele considera as transposições e as migrações que abarcam ambivalências semânticas e tensões científicas. Nas palavras de Camurça, as ambivalências semânticas das categorias investigativas e as tensões com outras ciências trazem alguns conflitos ao estudo dos fenômenos religiosos, logo:

Essas transposições e migrações trouxeram alguns problemas ao estudo dos fenômenos religiosos, entre os quais ambivalências semânticas das categorias investigativas e tensões com as outras ciências sociais e humanas. Contudo, isso está relacionado ao longo processo pelo qual a religião institucional deixou de ser a totalidade organizativa da cultura e das sociedades ocidentais, não sem relutância, e passou a ser vista como mais uma das dimensões, ou esferas, de valor inclusive, passível de metodologias investigativas em curso nas ciências sociais e humanas.¹⁶

¹⁵ CAMURÇA, Marcelo A. Por uma perspectiva simétrica entre o saber e o religioso e o das Ciências da Religião. In: SILVEIRA, Emerson J. S. (org.). *Como estudar as religiões: metodológicas e estratégicas*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 7-40.

¹⁶ CAMURÇA, 2018, p. 74.

Nesse sentido, as Ciências das Religiões ocupam um *status* recente nas universidades brasileiras, refletindo e discutindo a compreensão dos fenômenos religiosos presentes na sociedade, de modo que a religião não pode mais se impor como verdade absoluta e corromper o currículo escolar com práticas proselitistas e preconceituosas. Ou seja, a religião precisa envolver de forma ética e respeitosa as diferentes expressões sociais e culturais. Desse modo, a religião pode ser comparada a um labirinto pelo qual muitos indivíduos podem se perder, caso não tenham um fio teórico condutor para se orientar de modo imparcial. É preciso considerar os conteúdos éticos e morais inseridos nas diferentes religiões, avaliando-os, através das Ciências das Religiões, se são corretamente entendidos ou não, porém, não atestando a verdade ou a falsidade delas.¹⁷

Klaus Hock, ao considerar a importância das Ciências das Religiões para o estudo das religiões, adverte que a religião pode ser compreendida como um objeto que transita nas diferentes sociedades e culturas, a partir das diferentes manifestações culturais, nos ritos e nas atitudes religiosas das pessoas.¹⁸ Para Hock, a atuação dos/as cientistas das religiões possibilita construções dialógicas reflexivas e amplas, abrangendo diferentes fatores capazes de descrever o quadro analítico das Ciências das Religiões. Ou seja:

A religião abrange toda uma ‘família’ de componentes. Portanto, o termo religião precisa se referir a uma coleção de diferentes fatores, critérios e dimensões que, em seu conjunto, descrevem um quadro no qual a ciência da religião pode inserir seu objeto. No entanto, esse quadro não é ‘preestabelecido objetivamente’, mas ‘construído’ por meio da atuação de cientistas da religião.¹⁹

Nessa ótica, os/as cientistas da religião devem considerar seu objeto de estudo, ou seja, o fenômeno religioso, a partir do contexto histórico, social, cultural e econômico de cada sociedade. Para tanto, eles/as precisam conduzir os grupos sociais e seus diferentes sujeitos a compreenderem que a religião, quando compreendida através da perspectiva do campo das Ciências das Religiões, pode ampliar e enriquecer o currículo escolar. Dessa maneira, compreender as concepções de religião e cultura, através do modelo das Ciências das Religiões, contribui para a percepção da importância da tradição cultural da celebração da festa junina na Educação Infantil, pois, possivelmente, os fenômenos manifestados nessa festividade podem colaborar para que as crianças de zero a cinco anos tenham acesso à diversidade cultural

¹⁷ GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 34.

¹⁸ HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 29.

¹⁹ HUFF JÚNIOR, Arnaldo E.; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 433-456, 2012. p. 445.

existente no país, de forma lúdica e interativa, reconhecendo a expressão a herança cultural e religiosa do povo brasileiro.

Torna-se necessário compreender e descobrir novas metodologias para trabalhar a herança social adquirida ao longo da história da humanidade. Mas, essa descoberta precisa ser feita sem provocar ou produzir práticas de racismo religioso, desconstruindo as concepções de religião e de religiosidade que não contemplam a pluralidade religiosa e cultural brasileira. Sendo assim, a próxima seção busca entender as concepções e os diálogos entre religião e cultura.

1.2 Dialogando com as concepções de religião e cultura

O estudo da religião é um fenômeno que ocorre desde os primórdios da sociedade, em que os processos de civilização foram influenciados pela crença no sobrenatural. Émile Durkheim e Max Weber problematizaram o conceito de religião para análise da sociedade, em relação ao debate entre o profano e o sagrado. Para Émile Durkheim, a religião contribui para a organização das sociedades primitivas pela ótica da coesão social. Para Max Weber, os fenômenos religiosos que se manifestavam no cotidiano da sociedade estavam relacionados à dinâmica do mundo e da secularização.²⁰

Para ampliar as discussões antropológicas, históricas e filosóficas, apresenta-se a reflexão de Carlos Steil e Rodrigo Toniol acerca do conceito de religião, de forma analítica, em que as narrativas se complementam e levam a compreender o caminho que a religião percorreu desde o século passado. Segundo os referidos autores, a religião se constituiu de diferentes inclinações fundamentalistas e antropológicas nas diferentes dinâmicas das sociedades, podendo ser reconhecida como mediadora universal entre os indivíduos e grupos sociais, ainda que de forma empírica, como no início das civilizações até que se alcançasse o campo das Ciências Sociais, percorrendo um longo debate entre o profano e o sagrado e chegando ao presente, que Steil e Toniol ressaltam a institucionalização da religião através da globalização.²¹ Steil e Toniol afirmam que a religião está vivendo uma crise de identidade muito semelhante à crise do secularismo, pois os grupos sociais estão problematizando seu conceito

²⁰ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 25. Veja ainda: WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 18.

²¹ STEIL, Carlos A.; TONIOL, Rodrigo. A crise do conceito de religião e sua incidência sobre a antropologia. In: GIUMBELLI, Emerson; BÉLIVEAU; Verónica G. (orgs.). *Religión, cultura y política en las sociedades del Siglo XXI*. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 137-158.

a partir de movimentos religiosos, tais como: Nova era, com as religiões do *self*, com o movimento carismático católico e os movimentos de avivamento cristão, em que as religiões pentecostais se destacam e negam a expressão “religião”, substituindo-a por “espiritualidade”. No entanto, o que esses grupos estão chamando de “espiritualidade” constitui, na verdade, o conjunto de manifestações dos fenômenos religiosos praticados nas diferentes sociedades. Quando eles não se ajustam às demandas do secularismo, sofrem coesão social pacífica e/ou violenta, como a própria história demonstra. Para o autor, a religião e o secularismo não conseguem se manter sem o outro, isto é, são interdependentes. Dessa maneira, no bojo das transformações da sociedade contemporânea, que não concebe a religião como ela se naturalizou no passado, modelando e alienando os indivíduos dentro do conceito de religião fundamentalista cristã, nega-se a identidade religiosa nativa dos sujeitos, assim como ocorreu com os indígenas e com os escravos africanos e europeus nos séculos passados.²²

Nesta configuração, Steil e Toniol ressaltam que os fenômenos religiosos contribuem para expansão da religião de forma crítica e reflexiva, pelas vias das Ciências das Religiões, rompendo cada dia mais com as instituições religiosas tradicionais e midiáticas, que insistem em reproduzir as crenças dominantes. A religião, pelas vias das Ciências das Religiões, é necessária para criar um hábito que se manifesta através das espiritualidades, das filosofias de vida e das experiências do sagrado. Mas, isso deve ser feito com respeito à pluralidade cultural e religiosa do país. Essa atitude é capaz de produzir deslocamentos significativos em relação à realidade empírica registrada nas etnografias de práticas, instituições, grupos e experiências religiosas, debatendo os conceitos de religião, secularização, espaço público e política elaborados e definidos a partir de outro contexto social e histórico.²³

Ao abordar as concepções de religião e cultura, pelo viés da Antropologia, busca-se pontuar que a religião é entendida como uma construção cultural que envolve crenças, práticas rituais, mitos, símbolos e valores compartilhados por uma comunidade ou sociedade. Essa definição destaca a importância do contexto cultural na formação e expressão da religião. Por exemplo, as crenças e práticas religiosas podem variar significativamente entre diferentes culturas, refletindo as perspectivas únicas de cada sociedade em relação ao divino, ao sobrenatural e ao significado da vida. Outro exemplo relevante é tomar essa perspectiva como contribuição para a compreensão da festa junina como um fenômeno cultural demonstrado neste estudo.

²² STEIL; TONIOL, 2013, p. 137-158.

²³ STEIL; TONIOL, 2013, p. 137-158.

Além de sua dimensão cultural, a religião desempenha papéis fundamentais na organização social das sociedades humanas, servindo como um sistema de normas e valores que orienta o comportamento individual e coletivo, influenciando aspectos como moralidade, identidade e relações sociais. Por meio de rituais e cerimônias religiosas, as comunidades reafirmam seus laços sociais e promovem a coesão grupal, lidando com questões como a morte, o sofrimento e a mudança.²⁴

Para Maria Mazuco, uma das contribuições mais significativas da Antropologia para o estudo da religião é sua ênfase na diversidade cultural e religiosa. Ao investigar as práticas e crenças religiosas de diferentes sociedades ao redor do mundo, os/as antropólogos/as demonstraram que não existe uma única forma ou “certa” de religião. Pelo contrário, a religião é moldada pela história, pela geografia, pela ecologia e pela estrutura social de cada sociedade, resultando em uma vasta gama de expressões religiosas. Dessa forma, a religião, em uma perspectiva antropológica, é entendida como um fenômeno cultural e social complexo que abrange crenças, práticas, símbolos e valores compartilhados por uma comunidade ou sociedade.²⁵

Mazuco, ao explorar a natureza cultural da religião, esclarece que sua função na organização social e sua diversidade ao redor do mundo, a Antropologia oferece *insights* valiosos sobre a experiência humana e as dinâmicas sociais e culturais que moldam as crenças e práticas religiosas. Ao entender a religião como um produto da cultura e da sociedade, pode-se apreciar sua riqueza e complexidade, bem como seu papel fundamental na vida humana.²⁶

Nesta mesma direção, o texto *Antropologia da religião*, de Silas Guerriero, presente no *Compêndio de Ciência da Religião*, organizado por João Décio Passos e Frank Usarski, oferece uma perspectiva aprofundada sobre o papel da Antropologia no estudo dos fenômenos religiosos, para compreender as diversas facetas da relação entre a Antropologia e a religião, lançando luzes sobre as complexidades e nuances dessa interação, que, segundo Guerriero, vão desde do animismo até a neutralidade contemporânea da religião modulada nas Ciências das Religiões.²⁷

Em sua análise, Guerriero destaca a importância da abordagem antropológica para compreender as crenças, as práticas e as instituições religiosas em diferentes contextos

²⁴ MAZUCO, Maria C. A. *Ensino Religioso e democracia: expressões religiosas das festas juninas na Educação Infantil pública de Vila Velha-ES*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. p. 40-55.

²⁵ MAZUCO, 2021, p. 40-55.

²⁶ MAZUCO, 2021, p. 40-55.

²⁷ GUERRIERO, Silas. *Antropologia da religião*. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 243-256.

culturais, argumentando que a religião é um fenômeno intrinsecamente humano e profundamente enraizado na experiência e na vida social das comunidades. Nesse sentido, a Antropologia se revela uma ferramenta fundamental para desvendar os significados e as funções das práticas religiosas dentro de determinadas sociedades.²⁸

Uma das contribuições mais significativas do texto supramencionado é sua ênfase na necessidade de uma abordagem holística e contextualizada no estudo da religião. Guerriero ressalta ainda que as práticas religiosas não podem ser compreendidas isoladamente, mas devem ser analisadas dentro de seus contextos sociais, históricos e culturais mais amplos. Isso implica considerar não apenas as crenças e rituais em si, mas, também, as estruturas sociais, as relações de poder e os sistemas simbólicos que permeiam a vida religiosa das comunidades.²⁹

Além disso Guerriero, destaca a importância do diálogo interdisciplinar na investigação da religião, reconhecendo que a compreensão completa desse fenômeno complexo requer *insights* não apenas da Antropologia, mas, também, de outras disciplinas, tais como: a Sociologia, a Psicologia, a História e a Filosofia, pois, ao integrar diferentes perspectivas e abordagens, os/as estudiosos/as da religião podem enriquecer sua compreensão e oferecer análises mais abrangentes e profundas.³⁰

Outro ponto relevante abordado por Guerriero, é a diversidade religiosa e cultural em que este autor destaca que as práticas religiosas variam amplamente de uma sociedade para outra, refletindo as diferentes visões de mundo, valores e tradições de cada grupo humano. Nesse sentido, a Antropologia da Religião não busca estabelecer padrões universais ou julgar a validade das crenças religiosas, e sim compreender e respeitar a pluralidade de expressões religiosas ao redor do mundo. Neste cenário, Guerriero oferece uma valiosa contribuição para o campo da Antropologia da Religião, destacando a importância dessa disciplina para compreender a complexidade e a diversidade dos fenômenos religiosos. Uma vez que a abordagem holística da Antropologia contextualizada e interdisciplinar, lança luzes sobre os múltiplos aspectos da vida religiosa humana, enriquecendo o entendimento sobre esse aspecto fundamental da experiência humana.³¹

Clifford Geertz, um dos mais influentes antropólogos do século XX, ofereceu uma perspectiva seminal no campo da Antropologia da Religião, especialmente em sua obra fundamental: *A interpretação das culturas*, nos anos 1960, quando Clifford Geertz propôs uma

²⁸ GUERRIERO, 2013, p. 243-256.

²⁹ GUERRIERO, 2013, p. 243-256.

³⁰ GUERRIERO, 2013, p. 243-256.

³¹ GUERRIERO, 2013, p. 243-256.

definição abrangente de religião que ainda hoje ressoa como uma das mais relevantes. Geertz concebe a religião como um sistema simbólico complexo, no qual os símbolos desempenham um papel central na expressão e na construção de significados para os/as participantes dessa prática cultural.³²

Sua abordagem, profundamente enraizada na hermenêutica e na semiótica, desafia os/as antropólogos/as a adotarem uma postura interpretativa ao estudar a religião. Em vez de meramente catalogar rituais e crenças, Geertz enfatiza a importância de mergulhar nas camadas de significado atribuídas aos símbolos religiosos pelos/as próprios/as praticantes. Essa hermenêutica profunda não só revela os aspectos essenciais da experiência religiosa, mas, também, destaca a complexidade das interações entre os sistemas simbólicos e os contextos culturais mais amplos. Nas palavras desse autor:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de facticidade que as disposições e motivações pareçam singularmente realistas.³³

Geertz destaca o papel fundamental da religião na construção da realidade social e cultural. Ele argumenta que a religião não é apenas uma questão de fé individual, mas um fenômeno que molda e é moldado pelas estruturas sociais e pelas relações de poder em uma determinada sociedade. Assim, ao estudar a religião, os/as antropólogos/as não apenas entendem melhor as crenças e práticas religiosas, mas conseguem desvendar as complexas dinâmicas sociais que permeiam a vida cultural de uma comunidade.³⁴

A contribuição de Geertz para a Antropologia da Religião vai além de uma mera descrição dos fenômenos religiosos. Sua abordagem hermenêutica e semiótica oferece um quadro teórico robusto para compreender a religião como um sistema simbólico que molda e é moldado pela cultura. Seu legado continua a influenciar estudiosos/as em todo o mundo, fornecendo uma base conceitual sólida para investigações mais profundas sobre a interseção entre religião, cultura e sociedade.³⁵

Nessa direção, a Antropologia esclarece que, para defender o conceito de religião de forma reflexiva é necessário compreender que as tradições religiosas historicamente estabelecidas e as novas configurações religiosas que estão se estabelecendo na sociedade contemporânea devem ser estudadas e refletidas na perspectiva das Ciências das Religiões,

³² GEERTZ, 1989, p. 104-105.

³³ GEERTZ, 1989, p. 104-105.

³⁴ GEERTZ, 1989, p. 104-105.

³⁵ GEERTZ, 1989, p. 104-105.

consolidando uma concepção neutra em que os/as cientistas/as e sociólogos/as não precisem abrir mão de sua fé para pesquisar a religião e seus fenômenos. No entanto, o/a pesquisador/a precisa assumir uma postura neutra e ética para sistematizar os dados e as construções necessárias para fundamentar determinado fenômeno religioso, especialmente nas pesquisas de campo.³⁶

Andréa Souza faz uma crítica aos princípios do fundamentalismo religioso, indicando que, para discutir a religião, é necessário buscar uma concepção no campo da razão, o que pode promover transformações cognitivas e comportamentais em relação ao sentimento com o universo e, ao mesmo tempo, nas relações e nos papéis sociais. Para esta autora, isso reflete nas perspectivas éticas e estéticas que, muitas vezes, contribuem para o rompimento com os indivíduos que desqualificam os modos de ser, de agir e estar no mundo daqueles que não professam a mesma fé.³⁷ Para romper com o fundamentalismo religioso, é necessário conhecer o modelo das Ciências das Religiões e promover o diálogo inter-religioso entre as crenças existentes no país. Deve-se compreender que as crianças, assim como qualquer indivíduo, têm o direito de acesso às tradições religiosas e compreendê-las na perspectiva da ampliação cultural.

Com o desejo de clarificar acerca das discussões propostas nesta pesquisa, apresenta-se a dissertação de mestrado de Maria Mazuco, que investigou e analisou, por meio das Ciências das Religiões, os aspectos referentes aos fenômenos religiosos e aos simbolismos presentes nas Festas Juninas realizadas nas UMEIs de Vila Velha/ES. A autora discutiu sua questão dissertativa pelas vias da gestão democrática, buscando compreender o que pensavam as famílias, as crianças, os/as professores/as e os/as gestores/as sobre a religiosidade que emerge desse tipo de celebração e/ou do imaginário das pessoas que utilizam sua própria fé ou crença para provocar o proselitismo no ambiente escolar. Para Maria Mazuco, essa prática estimula o preconceito e a exclusão bem como confunde, influencia e aliena a identidade cultural e religiosa das crianças de zero a cinco anos.³⁸

Mazuco respondeu, à luz do referencial teórico traçado a partir das leituras em Geertz, como o diálogo com o Ensino Religioso e com a democracia podem influenciar na formação humana dos sujeitos, desde a Educação Infantil, frente aos preconceitos religiosos sobre as

³⁶ GEERTZ, 1989, p. 120-123.

³⁷ SOUZA, Andréa S. *O legado fundamentalista do Seminário Teológico de Westminster: reformistas x reconstrucionistas no espaço público americano*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. p. 9-33.

³⁸ MAZUCO, 2021, p. 40-55.

Festas Juninas escolares. Mazuco argumenta que a apropriação reflexiva e crítica da cultura pode contribuir para o diálogo democrático com a comunidade escolar, levando os pais, as mães e os/as responsáveis a perceberem os benefícios que a criança recebe ao se apropriar das tradições culturais. Ou seja, para Mazuco os pais, as mães e os/as responsáveis podem compreender que os símbolos e rituais religiosos que se manifestam nas Festas Juninas são resultados da construção da identidade do povo brasileiro, nos diferentes contextos e territórios, que constituem a pluralidade cultural do país. A referida autora sugere ao final de sua pesquisa uma formação intitulada *Oficina pedagógica*, com o objetivo de ampliar o conhecimento das famílias e dos/as professores/as em relação à cultura das Festas Juninas nas escolas.³⁹

A pesquisa realizada por Mazuco foi fundamental para a nossa compreensão de que existem muitas questões que precisam ser discutidas sobre as concepções de religião e cultura nas escolas que compõem o sistema de educação de Vila Velha-ES, tanto por parte dos/as professores/as quanto das famílias dos/as estudantes, pois essa temática é complexa e recorrente no cotidiano do ambiente escolar, devendo ser abordada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação Infantil, que estavam em construção no período da realização do estudo de Maria Mazuco.⁴⁰

Ao trabalhar com a perspectiva de Geertz, Mazuco defendeu que a interdependência entre o indivíduo e a cultura é inegável, pois ambos se influenciam mutuamente, moldando-se e sendo moldados pelo contexto cultural em que estão inseridos. A cultura, nesse sentido, não é apenas um conjunto de práticas e valores, mas um complexo sistema simbólico que define e orienta as experiências humanas.⁴¹ Dentro desse contexto, as diferentes religiões desempenham um papel significativo, porque oferecem sistemas de significados que permeiam todas as esferas da vida social. Através de rituais, manifestações e dogmas, as religiões estabelecem uma conexão profunda entre os indivíduos e o sagrado, utilizando linguagens simbólicas para transmitir suas crenças e valores.⁴² A diversidade religiosa contribui para a riqueza da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, ela desafia a noção de uma identidade religiosa homogênea. Nesse contexto, torna-se fundamental promover um diálogo democrático e inclusivo a partir do Ensino Religioso, reconhecendo e respeitando a pluralidade de crenças e práticas presentes na sociedade.⁴³

³⁹ MAZUCO, 2021, p. 40-55.

⁴⁰ MAZUCO, 2021, p. 67.

⁴¹ MAZUCO, 2021, p. 56-57.

⁴² MAZUCO, 2021, p. 58.

⁴³ MAZUCO, 2021, p. 59.

Ao aceitar e valorizar a diversidade, os indivíduos são capacitados para refletirem criticamente sobre suas próprias crenças e preconceitos, promovendo uma educação humanística que incentiva a tolerância e o respeito mútuo. É essencial evitar abordagens que privilegiem uma única visão religiosa como a única verdadeira, reconhecendo a validade e a importância de diferentes perspectivas no panorama cultural brasileiro. Portanto, ao compreender a complexidade da cultura e sua relação com a diversidade religiosa, é possível promover uma educação religiosa com respeito à pluralidade de crenças e como contributo à formação integral dos/as estudantes. Uma educação capaz de prepará-los/as para viver em uma sociedade cada vez mais multicultural e globalizada, desde a etapa da Educação Infantil.

Nesta mesma senda, Nilmara Spressola, ao discutir o *Currículo em ação e a temática religiosa na Educação Infantil: a voz das crianças*, em sua dissertação de mestrado, enfatizou o papel da religião no contexto escolar, reconhecendo-a como parte essencial da cultura. O enfoque da autora recai sobre a prática do currículo na Educação Infantil, especialmente nas manifestações religiosas das crianças. Durante um semestre letivo, foram observadas as interações das crianças em relação à religião, seja em suas conversas, brincadeiras ou relações com colegas e professores/as. A pesquisa foi conduzida em uma turma de crianças entre cinco e seis anos de idade, em uma escola pública de Educação Infantil situada em um Município no interior de São Paulo. Spressola trouxe como resultado a urgência em ouvir as crianças, considerando o que elas compreendem como religião e como cultura nas manifestações expressadas durante as participações nas Festas Juninas na escola.⁴⁴ Segundo Spressola, a cultura é o resultado da construção do ser humano enquanto sujeito que reage às explicações naturalizantes do comportamento humano, que, através dos seus processos civilizatórios, estabelece a cultura correspondente ao seu modelo cultural perpassando pelas funções fisiológicas, psicológicas e sociais.⁴⁵

Seu trabalho acadêmico se aproxima deste estudo, porque aborda a necessidade de escutar as crianças em relação à sua identidade religiosa e respeitar seu modelo cultural. Uma reflexão que conduz a uma reflexão sobre as possíveis lacunas que Spressola não conseguiu suprir ao abordar a temática da festa junina na escola, por não ter aprofundado suas reflexões em relação à cultura dos pais, mães e responsáveis pelas crianças, pois são eles que acabam desenhando o modelo cultural que essas crianças vivenciam em seu cotidiano.⁴⁶

⁴⁴ SPRESSOLA, Nilmara H. *Currículo em ação e a temática religiosa na Educação Infantil: a voz das crianças*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. p. 30-32.

⁴⁵ SPRESSOLA, 2015, p. 30-32.

⁴⁶ SPRESSOLA, 2015, p. 30-32.

Em relação à cultura, Vera Candau parte da compreensão de sua importância para os grupos sociais. Inicialmente, Candau destaca uma mudança na concepção de cultura, que, segundo ela, antes era vista de forma reducionista e priorizava as dimensões artísticas e intelectuais. No entanto, essa visão mais estreita é superada em favor de uma perspectiva mais ampla, na qual a contribuição dos/as antropólogos/as é ressaltada. Na nova perspectiva mencionada por Candau, a cultura é entendida como algo que permeia profundamente o cotidiano de todos os grupos sociais, manifestando-se não apenas nas expressões artísticas e intelectuais, mas, também, nos modos de agir, nos relacionamentos interpessoais, na interpretação da realidade, na atribuição de significado às coisas e até mesmo nas celebrações. Em outras palavras, a cultura é vista como um elemento estruturante que influencia todos os aspectos da vida em sociedade.⁴⁷

Para Candau, a dificuldade de definir exatamente o que é cultura ocorre em virtude do grande número de tentativas – mais de cem – de definição. No entanto, essa dificuldade não diminui a importância da cultura, que é descrita como um núcleo radical da identidade dos grupos sociais e dos povos. Desta forma, ignorar ou reprimir a cultura de um grupo pode acarretar em consequências imprevisíveis e, por vezes, dramáticas, a curto ou longo prazo.⁴⁸

Logo, a compreensão sobre a importância da religião e da cultura no contexto antropológico possibilita a percepção da consolidação da religião e da cultura na Educação Infantil. Deve-se considerar que urge a necessidade de desenvolver nesse grupo social atitudes de respeito e tolerância dos adultos quer sejam pais, mães e responsáveis, quer sejam professores/as que desconhecem a importância em conhecer os desejos, sentimentos e ideias que as crianças trazem em sua própria concepção sobre a religião e cultura. São elementos que as cercam e as envolvem nos diferentes espaços do mundo em que elas estão inseridas. Por isso, na próxima seção, aborda-se sobre a religião e a cultura no âmbito da Educação Infantil.

1.3 Religião e cultura na Educação Infantil

A religião e a cultura estão intrinsecamente ligadas à construção integral do sujeito, que tem sua formação integral consolidada no bojo da Educação Infantil, como apontam os currículos e os documentos norteadores da educação brasileira. Desse modo, o multiculturalismo e o diálogo inter-religioso vislumbram a ruptura com o proselitismo no

⁴⁷ CANDAU, Vera M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008. p. 45-56.

⁴⁸ CANDAU, 2008, p. 45-56.

ambiente escolar. Mas, essa tarefa não é tão simples, porque abarca um conjunto de elementos que necessitam de debates e fundamentos científicos para consolidar as concepções críticas acerca dessa questão, porém, contribui para que as crianças matriculadas na Educação Infantil tenham acesso à religião enquanto fenômeno social e cultural.

Para Cátia Kunzendorff, a religião e a cultura estão entrelaçadas à religiosidade dos indivíduos que perpetuam suas tradições de geração em geração. A pesquisa dessa autora investigou a influência da religiosidade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, no contexto da UMEI “Professora Nirlene de Oliveira Almeida”, no Município de Vila Velha/ES, entre as turmas de quatro e cinco anos, dos turnos matutino e vespertino. A pesquisadora destacou as brincadeiras africanas e as atitudes de proselitismo que ocorriam no interior da escola. Além disso, ela propôs uma “roda de conversa”, para socializar com os/as professores/as e com a comunidade escolar os principais conceitos sobre infância e religiosidade na Educação Infantil, indicando que esse tema deve ser contextualizado nas diferentes ações na sala de aula, e não apenas em eventos esporádicos.⁴⁹

As escolas brasileiras são laicas perante à Constituição Federal vigente e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Mas, percebe-se a forte presença da herança religiosa dos/as profissionais que atuam nas escolas, de modo que estão em processo de construção com o novo saber sobre o Ensino Religioso. Para a maioria desses/as profissionais, a formação pedagógica não possibilitou o acesso às Ciências das Religiões, o que ajudaria a compreender como deve ser a postura de um/a profissional docente ao trabalhar com metodologias neutras e criativas. Essa ausência na formação docente é bem colocada por Marta Façanha e Valdir Stephanini, que pontuam a relação de ruptura com o proselitismo que está arraigado no ambiente escolar. Façanha e Stephanini, enfatizam que as novas discussões sobre o Ensino Religioso na escola, sob a perspectiva do modelo das Ciências das Religiões, podem contribuir de forma positiva e crítica para as novas metodologias dos /as professores/as em sala de aula.⁵⁰

⁴⁹ KUNZENDORFF, Catia N. *A religiosidade nas práticas dos/as discentes da Educação Infantil na UMEI Professora “Nirlene de Oliveira Almeida” no Município de Vila Velha na compreensão docente*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. p. 43-47.

⁵⁰ FAÇANHA, Marta B.; STEPHANINI, Valdir. Aspectos do Ensino Religioso na Base Nacional Currículo Comum: os fundamentos para educação de qualidade. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 477-496, 2021. p. 478.

Não se pode desconsiderar a visão de Façanha e Stephanini, em relação aos aspectos sociais e filosóficos.⁵¹ Façanha e Stephanini sinalizam para a necessidade de refletir sobre os fenômenos religiosos, de modo que compreendem a religião como:

Religião que está presente nas culturas desde o surgimento dos primeiros grupos humanos. Assim, o indivíduo, por natureza, busca compreender os pontos máximos e indissolúveis, revelando um grande desejo de alcançar algo que transcenda. Nesse aspecto, a Religião se torna um espaço legítimo de sentido e significado para a existência de muitos indivíduos. Sendo assim, a representação de mundo de muitas culturas e consequentemente da maioria dos indivíduos, direta ou indiretamente, é afetada por aspectos da cosmovisão religiosa.⁵²

Façanha e Stephanini destacam que, no campo da Educação, a religião deve ser concebida por meio das Ciências das Religiões, considerando a construção de estudos dos fenômenos religiosos e a diversidade cultural religiosa. Para estes autores essa perspectiva oportuniza e estabelece relações de tolerância e respeito como também preconiza a BNCC para o Ensino Religioso.⁵³

No entanto, falar de religião no currículo da Educação Infantil é facultativo, porque na LDBEN, o componente curricular de Ensino Religioso é previsto como obrigatório apenas no Ensino Fundamental. Por isso, é necessário referendar que a BNCC enfatiza que a relação entre religião e Educação Infantil tem sido um tema de grande importância e complexidade ao longo dos anos, pois, é nessa faixa etária que a educação inicia o processo de construção integral dos sujeitos.⁵⁴

Nesta direção, no contexto educacional, a BNCC do Brasil representa um marco regulatório que busca orientar e garantir a qualidade da educação em todo o país. Quando se trata do desenvolvimento religioso na Educação Infantil, a BNCC adota uma abordagem que valoriza a diversidade cultural e religiosa, promovendo o respeito e a tolerância contemplando a diversidade religiosa de forma ampla e contextualizada nos campos de experiências de forma implícita sendo importante a perspicácia do/s docentes ao traçar metodologias que visam abordar os valores éticos e estéticos na sala de aula.⁵⁵

O documento norteador da educação de Vitória demonstra o quanto é relevante o debate sobre a diversidade religiosa na infância, e como a formação adequada dos profissionais pode tornar possível a aprendizagem efetiva das crianças em relação às diferentes religiões.⁵⁶ A

⁵¹ FAÇANHA; STEPHANINI, 2021, p. 487.

⁵² FAÇANHA; STEPHANINI, 2021, p. 487.

⁵³ FAÇANHA; STEPHANINI, 2021, p. 488.

⁵⁴ BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017. p. 11-12.

⁵⁵ BORIN, Luiz C. *História do Ensino Religioso no Brasil*. Santa Maria: UAB; NTE; UFSM, 2018. p. 25-26.

⁵⁶ VITÓRIA (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *A Educação Infantil do município de Vitória: um outro olhar*. Vitória: Prefeitura Municipal, 2006. p. 76.

BNCC enfatiza a importância da diversidade cultural e religiosa na Educação Infantil, considerando essas questões como parte fundamental dos campos de aprendizagem ligados ao brincar. Essa abordagem leva em conta as vivências das crianças em relação à sua religiosidade. Nesse contexto, o documento orientador da Educação Infantil de Vitória-ES, intitulado *Educação Infantil: um outro olhar*, define religiosidade como um conjunto de formas variadas de manifestação religiosa, mencionando as cinco principais religiões da atualidade. Observe:

A diversidade dos modos de expressar uma determinada Religião não deve ocasionar atitudes de exclusão, indiferença, preconceitos, violência, intolerância e proselitismo, pois de antemão, estas atitudes já se constituem contraditórias com o próprio sentido da Religião que é o de promover a paz, a convivência fraterna, o diálogo, o amor e a solidariedade entre as pessoas. Portanto, a Religião não pode confundir-se com uma visão deformada da realidade que exclui a possibilidade do diálogo, da reciprocidade e do respeito à pluralidade de opiniões, crenças e tradições. As raízes presentes em cada Religião.⁵⁷

Nessa direção, enfatiza-se que as diferentes formas de expressar uma religião não devem gerar comportamentos negativos, tais como a exclusão, o preconceito, a violência, a intolerância e/ou o proselitismo. Tais atitudes são contrárias ao propósito fundamental da religião, que é promover valores universais como paz, fraternidade, diálogo, amor e solidariedade. Além disso, o texto acima alerta contra uma visão distorcida da religião, que rejeita o diálogo e o respeito à pluralidade de crenças, tradições e opiniões. Essa visão estreita contradiz a essência das religiões, que deveria estar enraizada na busca por convivência harmônica e respeito mútuo, valorizando as diferenças em vez de usá-las como motivo de conflito ou divisão.

O referido documento continua propondo que:

Despertar energias espirituais profundas, um sentido para a vida. Desse modo é possível identificar, ao contrário do que se deseja propagandar, muitos elementos comuns presentes nas várias tradições religiosas que descaracterizam por vez, a ideia de divisão e de confronto entre elas. Esses elementos representam, assim, a ‘regra de ouro’ contida nas cinco grandes religiões, como por exemplo: Hinduísmo (Krishna, há 5000 anos na Índia): ‘Não faças aos demais aquilo que não queres que seja feito a ti; e deseja também para o próximo aquilo que desejas e aspiras para ti mesmo. Essa é toda a Lei, atenta bem para isso’. E ainda: ‘Esta é a substância do dever: não fazer aos outros o que a ti faria mal’ (*Mahabharata*). E como não lembrar o pensamento de Mahatma Gandhi: ‘O *ahimsá* (amor) não é somente um estado negativo que consiste em não fazer o mal, mas também um estado positivo que consiste em amar, em fazer o bem a todos, inclusive a quem faz o mal’. Judaísmo (Moisés, há 3.400 anos, no Egito-Palestina): ‘Não faças a outrem o que abominas que se faça a ti. Eis toda a Lei. O resto é comentário’ (Talmud Babilônico Hillel); Budismo (Buda, há 2.500 anos no Nepal-Índia): Todos temem o sofrimento, e todos amam a vida. Recorda que tu também és igual a todos: faz de ti próprio a medida dos demais e, assim, abstém-se de causar-lhes dor’ (Dhammapada); Cristianismo (Jesus Cristo, há 2000 anos, Palestina, segundo o *Evangelho de Lucas* (6,31) e de *Mateus* (7,12): ‘Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, porque isto é a Lei e os Profetas’; Islamismo (Maomé, há 1400 anos, Arábia: ‘Nenhum de vocês terá

⁵⁷ VITÓRIA, 2006, p. 76.

uma fé verdadeira enquanto não desejar para o irmão o que deseja para si mesmo' (*Hadith* 13, segundo Al-Bukhari) [grifo do texto].⁵⁸

Sandra Ribeiro, ao fundamentar o documento norteador supramencionado, defende que não se deve negar informações e conteúdos sobre a religião, mas incentivar as crianças a dialogarem sobre as diferentes religiões, inclusive a delas, tornando a aceitação da identidade do outro possível. Nesse intento, Ribeiro defende que a religião na Educação Infantil deve ser abordada a partir da articulação com a proposta pedagógica da unidade escolar e com a BNCC.⁵⁹ A religião desempenha um papel significativo na formação cultural e social de uma sociedade, e é por isso que a BNCC reconhece a importância de abordá-la de maneira sensível e inclusiva, desde os primeiros anos de vida das crianças. A Educação Infantil, nesse sentido, é uma fase crucial para o desenvolvimento de valores, crenças e identidade religiosa. No entanto, é fundamental ressaltar que a BNCC não preconiza o ensino de uma religião específica ou a promoção de uma crença particular. Pelo contrário, ela enfatiza a necessidade de uma educação religiosa que seja plural, laica e respeitosa com a diversidade cultural e religiosa presente na sociedade brasileira.⁶⁰

Dentro desse contexto, a religião na Educação Infantil, conforme delineada pela BNCC, manifesta-se por meio de uma série de abordagens e práticas que consideram o respeito e a tolerância, de modo que propõe que a religião seja abordada para promover o respeito e a tolerância entre as crianças, estimular o diálogo inter-religioso e a compreensão das diferentes crenças e práticas religiosas presentes na sociedade. A exploração dos símbolos e tradições religiosas possibilita às crianças a oportunidade de conhecer símbolos, rituais e tradições religiosas de diversas culturas, sem que isso implique a adoção de uma crença específica.⁶¹

Essas orientações contribuem para ampliar o repertório cultural e promover a compreensão da diversidade religiosa. Contribui para o desenvolvimento de valores universais, visto que educação religiosa na Educação Infantil também está relacionada ao desenvolvimento de valores universais, tais como: a solidariedade, o amor ao próximo, a compaixão e a justiça, que são compartilhados por diversas tradições religiosas e filosofias de vida.

A BNCC incentiva o diálogo inter-religioso como uma estratégia para promover a compreensão mútua e o respeito entre as diferentes crenças e a diminuição das tensões entre os grupos religiosos. Isso pode incluir atividades que estimulam as crianças a compartilharem suas

⁵⁸ VITÓRIA, 2006, p. 77.

⁵⁹ VITÓRIA, 2006, p. 76.

⁶⁰ BRASIL, 2017, p. 435.

⁶¹ FERREIRA, Renan C.; BRANDENBURG, Laude E. O Ensino Religioso e a BNCC: possibilidades de se educar para a paz. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 508-522, 2019. p. 511.

experiências religiosas, a ouvirem as perspectivas dos outros e a encontrarem pontos de convergência, traçando uma relação entre o ser humano e o transcendente para além de sua existência finita. Em outras palavras, promover e estimular a autonomia das crianças e o pensamento crítico, permitindo que elas reflitam sobre suas próprias crenças, questionem, investiguem e construam seu próprio entendimento sobre questões religiosas e espirituais, através dos direitos de aprendizagens e dos campos de experiências que o atual documento normativo da cidade de Vitória pressupõe.⁶²

Logo, a BNCC possibilita diferentes formas de trabalhar, através dos direitos da aprendizagens, os fenômenos religiosos presentes nas festas juninas, sem praticar a manutenção da fé através do currículo, demonstrando que a famílias e os/as profissionais da Educação Infantil precisam compreender que o currículo escolar deve contemplar os fenômenos religiosos e culturais, na perspectiva da criança, para que elas compreendam, desde pequenas, que as tradições e as diferenças ocupam um lugar importante na vida da humanidade.⁶³ Diante dessas considerações, o próximo capítulo pretende abordar o histórico cultural da Festa Junina demonstrando o seu impacto sobre o currículo da Educação Infantil.



⁶² BRASIL, 2017, p. 40-44.

⁶³ ARROYO, Miguel G. *Indagações sobre currículo: educandos e educadores, seus direitos e o currículo*. Brasília: MEC; SEB, 2008. p. 12.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO CULTURAL DA FESTA JUNINA E SEU IMPACTO NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A intenção deste segundo capítulo consiste em trazer uma compreensão aprofundada sobre as manifestações culturais e religiosas presentes na festa junina, que consolidaram sua importância no calendário escolar nas escolas públicas e particulares, em todo o país. Elas emergem como reflexo das manifestações únicas de interação entre fé e tradição cultural. Além disso, empreende-se uma análise das DCNs para a Educação Infantil de Vila Velha-ES, com o objetivo de compreender em que medida a Secretaria Municipal de Educação tem se preocupado com a formação cultural das crianças que estudam nas escolas municipais de Educação Infantil.

2.1 Festa junina como manifestação cultural e religiosa

As origens da festa junina remontam às festividades pagãs realizadas em homenagem ao solstício de verão, que marcava o início do período de colheita. Com a chegada do cristianismo na Europa, essas celebrações foram gradualmente incorporadas ao calendário religioso e foram associadas aos santos católicos romanos, cujas festas coincidiam com o solstício. No Brasil, a festa junina foi introduzida pelos colonizadores portugueses e, posteriormente, ela foi adaptada às condições locais, incorporando elementos das culturas indígena e africana.⁶⁴

A festa junina mantém fortes elementos de simbolismo religioso, como as fogueiras, que remetem à purificação e à renovação espiritual. Além disso, as quadrilhas, muitas vezes, retratam passagens bíblicas ou temas relacionados à vida dos santos juninos. As comidas típicas, tais como: o milho, o amendoim e o quentão, típicas das Festas Juninas, associam-se às oferendas feitas aos santos em agradecimento pelas colheitas abundantes. Ao mesmo tempo, a Festa Junina também reflete a riqueza cultural do povo brasileiro, incorporando elementos como as danças folclóricas, as músicas tradicionais e os trajes típicos. As festividades incluem apresentações de forró, baião e xote, ritmos que têm suas raízes nas tradições musicais nordestinas, mas que foram espalhadas por todo o país.⁶⁵

⁶⁴ PESSOA, Silvério L. *Expressões da religiosidade popular: Sul da França (Cultura Occitana) e Pernambuco em diálogos e conexões*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013. p. 30-37.

⁶⁵ MAZUCO, 2021, p. 19-21.

Somadas a essas riquezas culturais, estão as brincadeiras e os jogos populares, tais como: a pescaria e o correio elegante. No conjunto, esses elementos contribuem para a atmosfera festiva e lúdica da ocasião. Desse modo, a Festa Junina representa um fascinante exemplo de como a religião e a cultura se entrelaçam e se influenciam mutuamente na construção da identidade coletiva de um povo. Isso pode ser observado na figura abaixo, que retrata a grande roda de quadrilha tradicional. Veja:

Figura 1. Roda de quadrilha tradicional nas festas juninas⁶⁶



As leituras realizadas permitem dizer que, ao longo dos séculos, a celebração das festas juninas preservou suas raízes religiosas, enquanto absorveu e adaptou elementos culturais diversos, refletindo a diversidade do patrimônio cultural brasileiro. Isso tem levantando complexos debates em relação à aceitação ou à exclusão da Festa Junina nas escolas de Educação Infantil, sob a justificativa de evitar conflitos e impasses com os pais, mães e responsáveis pelos/as estudantes que não aceitam e não aprovam a participação das crianças nas festas, por causa de princípios e ideologias religiosas.⁶⁷

Segundo Susan Ruy, a dificuldade dos/as professores/as, ao trabalharem com a religião e com a cultura no ambiente da Educação Infantil, está na elaboração e no planejamento das ações metodológicas, na ausência na formação desses/as profissionais na área da Ciências das Religiões e na carência de diálogos com as famílias das crianças. Em virtude dessas dificuldades, os/as professores/as acabam “maquiando” ou transformando as características

⁶⁶ TODA MATÉRIA. *Quadrilha*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

⁶⁷ PESSOA, 2013, p. 38-43.

culturais da festa junina, para não desapontar as famílias religiosas na escola, que insistem em ditar o que as crianças devem aprender, interferindo, assim, no currículo e nas experiências pedagógicas.⁶⁸

Frente ao cenário de discussões pontuadas até aqui, Susan Ruy enfatiza o diálogo cultural com a criança como uma contribuição importante para sua formação como sujeito histórico, além de promover a alteridade e a tolerância, através do diálogo inter-religioso, sistematizados em humildade para experimentar a consciência dos limites do que podem ou não. Ruy acredita na possibilidade de ultrapassar a convicção religiosa que precisa estar fundamentada em uma sustentação filosófica ou ideológica e a abertura a verdade, em que os indivíduos devem estar abertos a conhecer outras verdades reveladas através da cultura dos diferentes sujeitos.⁶⁹

Dessa forma, é necessário perceber que a religiosidade das crianças no ambiente escolar infantil se configura um espaço na educação para a tolerância, sobretudo ao possibilitar o diálogo e a sensibilidade para uma convivência harmônica entre as diferentes tradições religiosas. Nessa direção, a Festa Junina precisa ser apresentada como expressão da cultura regional e identitária da criança prevista nos projetos e nas propostas pedagógicas das escolas de Educação Infantil. Dito de outra forma, como uma ação metodológica para proporcionar as crianças momentos de interação, alegria e movimento, vivenciando experiências musicais, teatrais e brincadeiras em ritmos musicais que remetem à cultura caipira e à história dos povos brasileiros, de forma lúdica e interativa, atendendo aos pressupostos do currículo da Educação Infantil.

Nas trinta e seis unidades de Educação Infantil vinculadas ao sistema educacional de Vila Velha-ES, as festas juninas estão previstas no calendário de ações anuais com outros nomes, por exemplo: festa da roça, festa caipira ou festa do milho, para desviar os possíveis questionamentos das famílias em relação à religião. Essas festas são elaboradas com danças, apresentações, gincanas, barracas de comidas e pescaria com brindes diversos, nos mesmos moldes das festas juninas tradicionais, porém, com novos nomes.⁷⁰ Dentre as unidades de Educação Infantil, contam-se ainda três escolas que retiraram a festa junina do plano de ação e calendário da escola para não contrariar as famílias evangélicas alegando que a escola é laica.

⁶⁸ RUY, Susan G. R. *Religiosidade e Educação Infantil: um olhar sobre a UMEI Basílio Costalonga, Vila Velha-ES*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. p. 19-21.

⁶⁹ RUY, 2021, p. 20-25.

⁷⁰ Informações presentes nos PPPs e nas atas de conselho de escola dos meses de junho, julho e agosto de cada ano letivo.

As escolas que inserem a festa junina em seu calendário de ações anuais devem prever a organização desse evento festivo direcionado no contexto pedagógico, com o objetivo de mostrar e fomentar a cultura. As crianças e muitos/as professores/as se vestem com trajes caipiras e agregam músicas sertanejas, caipiras e cantigas que remetem a São João, e até música gospel, em ritmos de forró, para tentar agradar a comunidade escolar como um todo. Enquanto a escola prossegue envolvida na organização da festa junina com novas roupagens para agradar as famílias e a comunidade, as crianças que são proibidas por suas famílias de participarem ficam assistindo aos ensaios, excluídas das atividades, por não existir no plano de ação da escola uma alternativa diferente para essas crianças.

Enquanto professora da Educação Infantil, a autora da pesquisa compreende os sentimentos que essas crianças sentem ao serem impedidas de dançar e brincar nas festas juninas na escola. Ou seja, elas veem seus colegas participando, sentem o mesmo desejo, mas não podem participar, deixando e exercer o seu protagonismo infantil. A seguir, procura-se desdobrar as discussões sobre a história das festas juninas e suas contribuições para a identidade cultural e religiosa nacional. Busca-se perceber mais adiante se, nas Diretrizes Curriculares de Vila Velha para a Educação Infantil, existem orientações acerca da temática abordada nesta pesquisa.

Para compreender o significado da festa junina na escola, é importante mergulhar em sua história e entender suas origens. A festa junina tem suas raízes nas festividades europeias, especificamente nas comemorações do solstício de verão, como já dito. Com a chegada dos colonizadores portugueses no Brasil, essas tradições foram adaptadas e mescladas aos elementos da cultura indígena e africana, resultando em uma celebração única e colorida que é a Festa Junina brasileira. Segundo Judas Campos, no texto *Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos*, as festas juninas surgiram no início das civilizações com forte cunho religioso. Elas serviam para espantar os demônios que vinham destruir as lavouras, além de moralizar e normatizar o casamento, nos dias santificados pela ICAR aos santos São João, Santo Antônio e São Pedro.

Nestes dias, as famílias se organizavam para realizar simbolicamente os casamentos e depois seguiam em visita oficial aos sacerdotes, para oficializar a união entre o casal. Naquela época, o isolamento e a distância eram grandes para se vencer e chegar ao local em que estava o padre para realizar o casamento. Assim, acharam uma solução na singeleza poética de

acreditar que obtinham a unção do santo, até que, tempos depois, pudessem receber a bênção sacerdotal.⁷¹ Segundo Judas Campo a referida festa foi cristianizada:

No decorrer da Idade Média, a festa foi cristianizada e a Igreja Católica deu-lhe como padroeiros os santos cujas datas agiográficas localizam-se na época da mudança de estação: Santo Antônio, São João e São Pedro. Os rituais ligados ao fogo (balões, fogueira, foguetes) também ganharam outra significação. De acordo com o que se acreditava, passaram a ter a finalidade de afugentar os demônios.⁷²

As festas juninas foram se constituindo na história dos povos com forte tendência a manifestação de celebrações religiosas, em prol do sucesso na agricultura realizadas nas fazendas e nos quintais das casas com fartura de comidas típicas e muita alegria. Em meados do século XIX, as festas juninas começaram a ser realizadas também nos clubes das cidades, onde as pessoas iam fantasiadas de caipiras e trocavam alimentos típicos de sua região. Com o desenvolvimento econômico e crescimento das desigualdades sociais e culturais, as festas juninas foram ganhando outros contornos e passaram a ser vistas como um conjunto de estereótipos que fugiam à devoção religiosa. Esse movimento de urbanização que as festas juninas sofreram foram diminuindo as manifestações religiosas, surgindo manifestações lúdicas e recreativas.

De acordo com Judas Campos, as festas juninas chegaram às escolas brasileiras, em meados de 1970, com a educação tecnicista. Era uma ação prevista tanto no currículo quanto no planejamento da maioria das escolas brasileiras públicas e particulares. Essas festas traziam em seu bojo aspectos culturais, religiosos e financeiros, pois o comércio de comidas típicas e ingressos para jogos e pescarias arrecadava recursos financeiros que auxiliavam na manutenção das escolas que, naquela época, não contavam com a valorização da educação e com descentralização dos recursos financeiros destinados à educação.⁷³

Segundo Campos, outro objetivo importante das festas juninas foi a abertura para aproximação e diálogo entre comunidade e escola. Para o autor, a escola e as famílias precisavam dialogar e criar estratégias de parcerias para a realização das festas, de modo que essa abertura ampliou, cada vez mais, a realização das festas juninas nas escolas, e os clubes foram deixando de realizar o evento.⁷⁴

⁷¹ CAMPOS, Judas T. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 99. 2007, p. 589.

⁷² ARAÚJO, Alceu M. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1973. p. 28.

⁷³ CORTELLA, Mario S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Cortez, 1998. p. 149-150.

⁷⁴ CAMPOS, 2007, p. 589.

A festa junina surgiu como uma manifestação religiosa para agradar e cultuar os santos envolvidos com a agricultura, para normatizar os casamentos no interior e, ao se expandir com o desenvolvimento da sociedade, ganhou espaços sociais, políticos e econômicos nas diferentes instituições escolares nacionais, fortalecendo-se como herança cultural e representação de um dos maiores fenômenos religiosos nas diversas comunidades nas diferentes cidades brasileiras. Porém, o olhar crítico e assertivo de Mário Cortella chama a atenção para a desvalorização cultural e para diferentes formas de preconceito e intolerância que assolam essas festas nas escolas.

Mário Cortella enfatiza que, na atualidade, as festas juninas são mecanismos de desconstrução da cultura, porque criam estereótipos que denigrem a imagem dos indivíduos que moram nas zonas rurais e ridicularizam expressões e fenômenos religiosos. Para o autor, a roupagem que a festa junina vem tomando se configura como um deboche em relação ao casamento, por exemplo, em que os noivos são ridicularizados e os elementos simbólicos que envolvem a tradição cristã e o casamento são alvos de ridicularizações que desvalorizam os ritos do sacramento do matrimônio e outros elementos religiosos, por exemplo, a água benta e o balde.⁷⁵

Para Mário Cortella, as festas juninas são artefatos políticos e sociais em que os/as professores/as incentivam às famílias a vestirem as crianças com roupas remendadas, dentes falhados e fala incorreta carregada de preconceitos e desrespeito com o outro. Ele lembra que as pessoas que vivem nas zonas rurais, muitas vezes, não conseguem ter acesso à saúde e à educação, de modo que essa condição gera sofrimento e dor para elas.⁷⁶ Nas palavras do autor:

Muitas escolas degradam a cultura popular brasileira ao fazerem simulacros de ‘festas juninas’. Mesmo tendo em conta o imenso esforço feito pelas professoras (semanas de ensaios!), as crianças são fantasiadas de caipiras (roupas remendadas, dentes falhados, bigodes e costeletas horrorosas, chapéus esgarçados, andar trôpego e espalhafatoso e um falar incorreto), como se os trabalhadores rurais assim o fossem por gosto, ingênuos e palermas. Poucas escolas explicam a origem das festas e a importância do cidadão camponês e resguardam sua dignidade; poucas, ainda, destacam que a falha no dente não é algo que aquele brasileiro ou aquela brasileira tem para ficar ‘engraçados’ (são desdentados por sofrimento), ou informam que eles produzem comida e passam fome, como se fossem subumanos, não têm acesso à escola etc. É, em grande parte, a ridicularização da miséria, cujo ápice é uma festa na escola, com uma concorrida profusão de máquinas fotográficas e filmadoras que se atropelam em busca de imagens caricatas.⁷⁷

⁷⁵ CORTELLA, 1998, p. 151.

⁷⁶ CORTELLA, 1998, p. 152.

⁷⁷ CORTELLA, 1998, p. 153.

É importante considerar as colocações feitas por Mario Cortella. A realização das festas juninas escolares pressupõe um trabalho crítico, ético e respeitoso sobre a importância da agricultura e da diversidade cultural, resguardando a dignidade das pessoas envolvidas nessas atividades. De forma análoga, são lançadas críticas à venda de alimentos e ao entretenimento nas escolas durante as festas juninas, porque podem criar situações constrangedoras para as famílias que não possuem recursos para adquirir os alimentos participarem das brincadeiras, deixando as crianças entristecidas e frustradas e reafirmando as desigualdades sociais presentes na sociedade contemporânea.⁷⁸

Ademais, na escola, a festa junina vai muito além de uma celebração festiva. Ela tem potencial para proporcionar oportunidades para os/as estudantes aprenderem sobre a diversidade cultural do país, já que incorpora elementos de diferentes regiões e tradições, respeitando a diversidade cultural e religiosa. Além disso, a preparação para a festa junina pode ser muito positiva, porque possibilita e incentiva uma série de atividades interdisciplinares, desde a pesquisa sobre as tradições juninas até a confecção de enfeites, preparação de comidas típicas e ensaios de danças folclóricas. Nesse sentido, a festa junina une as diferentes turmas, famílias e comunidades que, de forma ativa, a organizam e a realizam promovendo a valorização e o respeito às diferenças culturais. Além disso, esse processo fortalece o senso de comunidade e pertencimento à escola. A festa junina na escola promove a integração entre estudantes, professores/as e famílias, criando um ambiente de união e confraternização. Trata-se de um momento em que todos/as se reúnem para celebrar, se divertir e fortalecer os laços de amizade e solidariedade.⁷⁹

Outro aspecto importante da festa junina na escola é a preservação e a promoção das tradições culturais brasileiras. Ao celebrar as festividades juninas, as escolas contribuem para manter viva essa rica herança cultural, transmitindo-a para as próximas gerações. Dessa forma, a Festa Junina na escola vai além de uma simples comemoração. Ela é um reflexo da diversidade cultural do Brasil, uma oportunidade de aprendizado e desenvolvimento para os/as estudantes, desde a Educação Infantil, e uma forma de promover a integração e a valorização das tradições locais. Por meio dessa festividade, a escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos e cidadãs conscientes, críticos/as e culturalmente enriquecidos/as.

Cabe ainda refletir sobre a maneira pela qual a participação das crianças vem ocorrendo nas Festas Juninas nas escolas de Educação Infantil de Vila Velha-ES, e como essa participação

⁷⁸ CORTELLA, 1998, p. 153.

⁷⁹ SOUSA, Nadiel C. *O corpo na festa junina: reflexões simbólicas e estéticas para a Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. p. 18-19.

é orientada pelas Diretrizes Curriculares que norteiam o currículo deste Município. Isso será realizado na seção subsequente.

2.2 A Educação Infantil de Vila Velha e a participação das crianças nas festas juninas

O sistema educacional de Vila Velha-ES começou a investir de forma sistematizada na Educação Infantil, a partir de 1995, com a descentralização dos recursos da educação e com a aprovação da LDBEN. Nesse período, a educação das crianças de zero a seis anos passou a fazer parte da Educação Básica de forma obrigatória. Veja:

Com essa percepção houve um esforço político e intelectual em relação à pré-escola, que começou a ser vista como solução para estes problemas. Então, o atendimento às crianças ganhou o sentido educacional. Neste momento, a pré-escola começou a ter a função de prevenir os fracassos no 1º Grau e promover o desenvolvimento global da criança. Mas, em Vila Velha o caráter educacional na Educação Infantil só começou a ingressar de fato em 1995, quando a Secretaria de Educação passou a ser responsável pelo atendimento às crianças.⁸⁰

Com os investimentos do Governo Federal na Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, com o objetivo de emancipar a educação e prevenir o fracasso escolar no Ensino Fundamental, somados ao movimento das mães trabalhadoras que precisavam das creches para acolherem as crianças enquanto elas trabalhavam, as UMEIs foram surgindo no Município de Vila Velha-ES com caráter assistencialista. Em meados de 2001, foram realizados os primeiros concursos para o magistério para essa etapa de ensino e, sucessivamente, as construções pedagógicas para as crianças de zero a seis anos começaram a ser traçadas através do sistema educacional municipal.⁸¹

A construção do currículo da Educação Infantil em Vila Velha-ES foi complexa e pouco reflexiva até bem pouco tempo. O movimento reflexivo para a elaboração curricular da Educação Infantil começou a ganhar força a partir de 2010, em que os debates e as construções oportunizaram a recente diretriz que, atualmente, é utilizada pela rede de ensino para nortear a educação das crianças pequenas e bem pequenas, contemplando todas as orientações da BNCC.⁸²

As Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Vila Velha-ES são recentes e seguem o processo de construção e reconstrução permanente aos princípios do currículo reflexivo. Elas

⁸⁰ VILA VELHA (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil do Município de Vila Velha: desvelando histórias... produzindo saberes*. Vila Velha: Prefeitura Municipal, 2008. [online]. [n.p.].

⁸¹ RUY, 2021, p. 29-30.

⁸² RUY, 2021, p. 29-30.

consideram o olhar transformador a cada dia, para atender às demandas e às necessidades da qualidade de educação. Delineadas a partir do currículo estadual, da LDBEN e da BNCC, a Educação Infantil de Vila Velha-ES compreende a criança como sujeito histórico de direitos e prioriza a aprendizagem. Com efeito, a criança emerge como protagonista de sua aprendizagem, focalizando os campos de aprendizagens e os direitos de aprendizagens, através da pedagogia de projetos, em que os interesses da criança e da comunidade escolar podem ser destacados.

Nesse contexto, a Festa Junina pode ser trabalhada nas UMEIs, ao serem contextualizadas nos PPPs, nos planos de ações anuais e nos projetos de sala aula. Esses documentos devem conter os critérios, os temas e a metodologia da Festa Junina. De acordo com o currículo escolar de Vila Velha-ES, as Festas Juninas devem apresentar caráter cultural para a escola e para a comunidade escolar, sendo vedada as articulações religiosas nessas manifestações, sobretudo no ambiente escolar por seu caráter de espaço laico e plural.

A escola tem por obrigação normativa, de acordo com a Constituição Federal de 1988, o exercício da laicidade do Estado. Isso demonstra um comportamento neutro em relação aos dogmas religiosos no ambiente escolar, mormente em sua estrutura administrativa e pedagógica. Essa obrigação foi pontuada pela primeira vez em 1871 e, segundo Tália Santos, o Estado laico é aquele que se coloca em posição neutra na discussão sobre os fenômenos religiosos, sem assumir funções espirituais e, desse modo, não se identifica com essa ou aquela confissão religiosa. Dito de outra forma, o Estado laico deve proporcionar o papel político e crítico, sem hierarquizar o poder religioso nas demandas sociais.⁸³

Em busca dessa neutralidade religiosa, é importante retomar a pesquisa de Maria Mazuco, em sua entrevista com Giovana Servante, gerente do setor da Educação Infantil de Vila Velha-ES, na época de realização de sua pesquisa. A entrevistada pontuou sobre sua preocupação em relação à participação das crianças nas festas juninas, sobretudo o que tange a reação dos pais, mães e responsáveis em relação aos fenômenos religiosos e culturais presentes no evento. No momento da entrevista, Giovana Servante explicou: “infelizmente, as realizações de Festas Juninas nas UMEIS despertam nos pais e mães evangélicos um descontentamento, pois eles/elas alegam que as crianças, em respeito à sua fé, não devem participar das referidas festas, e isso acaba gerando conflitos e tensões no ambiente escolar”⁸⁴. Esse argumento justifica

⁸³ SANTOS, 2019, p. 20-34.

⁸⁴ Conforme a entrevista de Giovana Servante concedida à Maria Catarina Alves Mazuco. Saiba mais em: MAZUCO, 2021, p. 58.

sua orientação metodológica em trabalhar a temática da Festa Junina sem fazer alusão às festas religiosas tanto católicas romanas como evangélicas.⁸⁵

A influência na participação das crianças nas Festas Juninas nas escolas de Educação Infantil de Vila Velha-ES foi contemplada também na pesquisa de Susan Ruy, que trabalhou a música baiana: *Toda menina baiana*, de Roberto Gil. Durante a apresentação dessa música na Festa Junina, a comunidade escolar, composta por pais, mães e responsáveis, desferiu fortes críticas à apresentação por causa da letra da música. Além disso, foram criticadas as vestimentas das crianças para a apresentação, pois as roupas eram saias rodadas brancas e turbantes na cabeça. Segundo Susan Ruy, muitos pais, mães e responsáveis criticaram a semelhança das roupas brancas utilizadas na apresentação com as roupas utilizadas nos rituais praticados pelas religiões afro-brasileiras. Essas reclamações influenciaram o cancelamento e a exclusão das festas e de outras celebrações, tais como: Páscoa, Carnaval, Festa Junina e natal, na escola em que Susan Ruy realizou sua pesquisa, com o objetivo de não contrariar as famílias.⁸⁶

O cancelamento das festas e das celebrações previstas nos calendários anuais brasileiros demonstram que a escola em que Susan Ruy desenvolveu sua pesquisa não compreende e não exerce a laicidade do Estado. Essa atitude pode ser entendida como negação de a escola manter-se neutra ao diálogo religioso pelo fato de acatar a reivindicação preconceituosa das famílias e da comunidade local. Esse resultado foi fundamental para Susan Ruy refletir com a equipe pedagógica sobre a importância de trabalhar o currículo à luz das Ciências das Religiões.

Nesse mesmo fito, pode-se observar que a participação das crianças nas Festas Juninas nas escolas de Vila Velha-ES segue as concepções dos pais, das mães e dos/as responsáveis que criticam a diversidade cultural e religiosa presente na escola, desqualificando, assim, o trabalho crítico e a oportunidade que a criança tem ao estar em contato com outras práticas religiosas e culturais que se diferenciam das suas ou de suas famílias. Sobre esse aspecto, Maria Mazuco refletiu sobre como uma gestão democrática pode contribuir para dialogar com as famílias, levando-as a conhecer o arcabouço cultural existente nas apresentações das festas juninas. A autora apresentou resultados positivos, pois, na escola em que realizou sua pesquisa, as Festas Juninas foram mantidas a partir da compreensão das famílias de que é necessário trabalhar a cultura regional através dessa festa, diminuindo a ênfase nas características que envolviam a religiosidade e ampliando a importância das expressões culturais.

De fato, as contribuições tanto de Susan Ruy e de Maria Mazuco, em relação à religiosidade presente nas Festas Juninas e os possíveis diálogos com as famílias, demonstram

⁸⁵ MAZUCO, 2021, p. 28.

⁸⁶ RUY, 2021, p. 36.

que o trabalho com a religião e com as religiosidades no ambiente escolar, de forma reflexiva e neutra, não é uma tarefa fácil. Em relação à religiosidade da Educação Infantil de Vila Velha-ES, Tânia Rocha reflete sobre o calendário religioso e enfatiza a Festa da Penha sob a perspectiva das crianças. Para Rocha, as crianças de cinco anos realizaram excelentes narrativas sobre a religiosidade e a cultura, através de suas falas e de seus desenhos. Rocha convida seus leitores e leitoras a pensarem a religiosidade na ótica da infância com todo encantamento que o conhecimento pode produzir. Ela esclarece que a Educação Infantil precisa estar apta para educar para a diversidade.⁸⁷

Novamente, de acordo com Mario Cortella, as pessoas adultas precisam respeitar e acolher o sentimento religioso das crianças, em conformidade com seu imaginário, desenvolvimento cognitivo e experiências que elas experimentam nas articulações religiosas. Esses elementos, para o autor, influenciam a identidade religiosa dos familiares das crianças, suas emoções e sentimentos.⁸⁸ Mario Cortella explica ainda que a compreensão da temática da religiosidade e da diversidade está presente em todas as sociedades. Nas palavras dele, a religiosidade não pode se ausentar da vida de uma criança, porque se:

A religião está presente em todas as sociedades e momentos da história, fica evidente que ela não pode ausentar-se da vida de uma criança. Remarquemos: independentemente de seguir uma religião formal ou não, todos os seres humanos têm o que chamamos de religiosidade, ou seja, um sentimento que questiona ou crê sobre forças superiores e anteriores que nos podem auxiliar, proteger, punir, apoiar ou castigar.⁸⁹

As crianças devem aprender, desde pequenas, a respeitar e a conhecer a espiritualidade e a religiosidade de qualquer pessoa, independentemente de seus valores, idade, gênero ou classe social. Por isso, a educação tem um papel preponderante que pode possibilitar o conhecimento das crianças, a partir do diálogo inter-religioso, dando voz à diversidade cultural e religiosa, incluindo essa temática no currículo escolar, desde a Educação Infantil. Vale destacar as DCNs para a Educação Infantil que procuram garantir o cumprimento pleno da função política, social e pedagógica. No inciso V, pode-se ler o seguinte: “construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com [...] o rompimento de relações de dominação [...] religiosa”⁹⁰.

⁸⁷ ROCHA, Tânia M. H. *A Festa da Penha e as Ciências das Religiões: estudo de caso na (UMEI) “Pedro Pandolfi”*, Vila Velha-ES. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022. p. 45-58.

⁸⁸ CORTELLA, Mario S. Educação, Ensino Religioso e formação docente. In: SENA, Luzia. (org.). *Ensino religioso e formação docente*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 11-19.

⁸⁹ CORTELLA, 2006, p. 17.

⁹⁰ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. [Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil]. Brasília: CNE; CEB. [online]. [n.p.].

Para Edile Rodrigues e Sérgio Junqueira, a diversidade religiosa deve ser compreendida e mediada na escola a partir do diálogo sobre as relações estabelecidas entre o passado e o futuro das diferentes sociedades, viabilizando trocas de experiências e possibilitando a convivência harmoniosa e a resolução de conflitos. No dia a dia, os indivíduos esbarram em diferentes desafios e tensões entre a realidade vivida e o transcendente, tais como: as relações entre vida e morte, ganhar e perder, amor e as mais diversas relações entre emoções, razões e saberes, que são mobilizadas a partir das diferentes aprendizagens e nos mais diversos processos da vida humana. Para Rodrigues e Junqueira, diversidade religiosa se configura em “um processo significativo e complexo que envolve o indivíduo na sua totalidade e ainda aponta para a experiência religiosa”⁹¹.

Por isso, vale refletir como a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” pode contribuir para ampliar os conhecimentos das famílias das crianças em relação aos fenômenos presentes nas Festas Juninas realizadas no interior dessa escola. Isso ajudará a conhecer quais são os motivos que levam os pais, as mães e os/as responsáveis a proibirem a participação das crianças de zero a cinco anos nas Festas Juninas que ocorrem nas UMEIs de Vila Velha- ES. Parte-se, portanto, para essa análise na próxima seção.

2.3 UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” como cenário de pesquisa

O Município de Vila Velha-ES se caracteriza por uma vasta manifestação religiosa em sua cultura, que se pode observar nos monumentos e diferentes templos religiosos. Os dados do IBGE demonstram que a maioria dos/as moradores/as dessa cidade são evangélicos/as e católicos/as romanos/as. O turismo religioso representa um potencial para os/as moradores/as e para os/as turistas que visitam essa cidade. Possivelmente, as características religiosas do Município de Vila Velha-ES sejam um dos motivos que levam os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” a problematizarem a festa junina na escola, demonstrando pouca empatia com a diversidade religiosa.

A cidade de Vila Velha-ES está organizada em cinco regiões. A Lei nº 4.707, de 10 de setembro de 2008, dispõe sobre a institucionalização dos bairros nas Regiões Administrativas, os limites, a denominação deles e os critérios para organização e criação de bairros. No perímetro urbano do Município, estabeleceram-se as denominações das cinco Regiões

⁹¹ RODRIGUES, Edile; JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; MARTINS FILHO, L. J. “Desenvolvimento Religioso”. In: JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; BRANDENBURG, Laude; KLEIN, Remi. (orgs.). *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 207-209.

Administrativas do Município de Vila Velha-ES, sendo a Região 5: Barra do Jucu; Balneário Ponta da Fruta; Barramares; Cidade da Barra; Interlagos; Jabaeté; João Goulart; Morada da Barra; Morada do Sol; Morro da Lagoa; Normília da Cunha; Nova Ponta da Fruta; Ponta da Fruta; Praia dos Recifes; Riviera da Barra; Santa Paula I; Santa Paula II; São Conrado; Terra Vermelha; Ulisses Guimarães e Vinte e Três de Maio.⁹²

Um estudo coordenado pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), com apoio da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, em parceria com a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação, Educação Profissional (SECTI), a Secretaria de Estado da Educação (SEDU), a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), apresenta, de forma sucinta, as principais características do bairro Ulisses Guimaraes – local em que está situada a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”.

O bairro Ulisses Guimaraes surgiu há, aproximadamente, trinta anos. Ele é fruto de invasões, de modo que os/as primeiros/as moradores/as construíram suas casas com lonas, e não tinham acesso a nenhum tipo de infraestrutura, muito menos, saneamento básico. Os/as primeiros/as moradores/as sofreram com o distanciamento do centro da cidade e com a ausência de equipamentos públicos, que não chegavam ao bairro, mesmo após longos anos de apropriação. Com o decorrer do desenvolvimento, surgiram algumas instituições religiosas, tais como: igrejas e centros espíritas, que ofereciam poucos, mas necessários, projetos sociais que ajudavam os/as moradores/as em relação aos custos com alimentação, de modo que acolhiam as crianças na rua ensinando *surf*.

Atualmente, o bairro Ulisses Guimaraes conta com cerca de cinquenta ruas e, algumas delas, possuem calçamento, mas existem muitas sem asfalto e saneamento básico, ou seja, com esgotos visíveis. As casas são construções de alvenaria, porém, muitas encontram-se em situação precária. O bairro conta com coleta de lixo e iluminação pública para atender a uma população de aproximadamente sete mil duzentos e setenta e um habitantes. Conforme o Censo de 2010 do IBGE, a população feminina desse bairro era composta por três mil setecentos e cinquenta e nove mulheres. Esse dado demonstra que 51% da população é constituída por mulheres. Cabe destacar que, entre essa estimativa da população, aproximadamente seiscentos e oitenta e nove (689) são crianças de zero a cinco anos, que deveriam estar matriculadas nas escolas de Educação Infantil.⁹³

O bairro Ulisses Guimarães possui cinco unidades de educação: três escolas de Ensino Fundamental e duas UMEIs. A primeira é a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, que se

⁹² IBGE. *Censo Demográfico*: 2010. [s.d.]. [online]. [n.p.].

⁹³ IBGE, 2022, [n.p.].

constitui como objeto desta pesquisa. Essa escola atende crianças de zero a cinco anos, que se apresentam com diferentes dificuldades. Algumas vivem em situação desprivilegiada, sofrendo com as dificuldades que marcam as comunidades locais, como a ausência de equipamentos públicos para fornecer melhores condições de vida para esse público que sobrevive com suas famílias recebendo renda familiar de um quarto salário mínimos e/ou auxílios do Governo Federal, tais como: Bolsa Família e Auxílio Gás.⁹⁴ As famílias das crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” são diversificadas. Conforme os dados do Sistema Geral da Educação (SGE), muitas crianças convivem somente com as mães, sofrendo com a ausência paterna, outras são acolhidas por tios/as e avós/avôs.⁹⁵

Em relação à religião, as famílias das crianças que frequentam a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” vivem num amplo trânsito religioso. Muitas famílias frequentam igrejas evangélicas e, ao mesmo tempo, visitam templos da ICAR e/ou de religiões de matrizes africana, em busca de atendimento odontológico ou de cestas básicas que, geralmente, essas instituições oferecem. Outras famílias frequentam igrejas neopentecostais ou renovadas, em busca de esperança e de experiências com o transcendente. Os templos religiosos existentes e próximos à escola pesquisada oferecem trabalhos voluntários e projetos sociais com apoio de reforço escolar, capoeira, balé e distribuição de cestas básicas.⁹⁶

Nesse contexto de assistencialismo, a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” surgiu em meados da década de 1990, através da doação de um terreno e consequente construção de um barracão. A doação foi realizada pela senhora Terezinha Agostini Pagotti, que deu início às atividades escolares com o intuito de ajudar as mães trabalhadoras daquela região. Após o seu falecimento, por motivo de saúde, a Prefeitura Municipal de Vila Velha-ES assumiu a responsabilidade pelas crianças que frequentavam o local, porém, mantendo o caráter assistencialista em atendimento às crianças de zero a cinco anos, de forma precária. Nesse período, a Prefeitura inaugurou o espaço em homenagem à Terezinha Agostini Pagotti e, a pedido das famílias, a escola recebeu o nome UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”⁹⁷.

Entre os anos 2001 e 2005, a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” foi transferida para o bairro Ulisses Guimarães, onde funcionava a Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) “Deolindo Perim”. Lá, seu funcionamento ocorreu de forma ainda de forma provisória, na expectativa de construção de uma nova UMEI. Porém, até o momento, a escola continua

⁹⁴ VILA VELHA, 2023, [n.p.].

⁹⁵ VILA VELHA, 2023, [n.p.].

⁹⁶ VILA VELHA, 2023, [n.p.].

⁹⁷ VILA VELHA, 2023, [n.p.].

funcionando nesse prédio antigo, que não possui acessibilidade para atender estudantes com deficiência, por exemplo, estudantes cadeirantes. Da mesma forma, não houve adaptações para o atendimento ao público da Educação Especial, ou seja, o prédio não atende às normas de inclusão social, mas abriga estudantes de três a cinco anos de idade, que estão distribuídos em dois turnos: matutino e vespertino.⁹⁸

A UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” funciona em um prédio antigo, conforme a figura abaixo demonstra. Ela é composta por uma secretaria escolar, uma sala de professores/as, uma sala de pedagogos/as, um depósito de merenda escolar, cinco salas de aula – uma no térreo e uma sala de multiuso e quatro, no segundo andar –, uma cozinha, quatro banheiros para uso das crianças, dois banheiros para uso dos/as professores/as, um banheiro para cadeirantes – porém, não adaptado –, um refeitório, um pátio – sendo que esses dois últimos espaços são pequenos, não atendendo aos seus objetivos de seu uso.⁹⁹

Figura 2. UMEI Terezinha Agostini Pagotti¹⁰⁰



Nesse espaço não há sala para diretor/a, laboratório, biblioteca e parque – com brinquedos para as crianças tomarem sol e brincarem ao ar livre. A escola conta ainda com o seguinte quadro de funcionários/as:

⁹⁸ VILA VELHA, 2023, [n.p.].

⁹⁹ VILA VELHA, 2023, [n.p.].

¹⁰⁰ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Quadro 1. Profissionais¹⁰¹

Função		Quantidade
Diretora –estatutária		1
Pedagogo/a –estatutário		2
Professor/a –estatutário		15
Coordenador/a- estatutário		2
Cuidador Escolar contrato		1
Auxiliar de Secretaria/a -contrato		2
Estagiárias/a -contrato		10
Cozinheiras- terceirizados		2
Auxiliar de Serviços Gerais -terceirizados		2
Porteiro terceirizados		2
TOTAL:		39

A UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” atua com uma equipe administrativa e pedagógica articulando suas ações através de plano de ação anual e PPP. Nesses documentos, as festividades e os projetos são elencados e distribuídos de acordo com o planejamento da escola, a saber: festa cultural junina; abertura dos “valores na infância”, com a presença das famílias na escola; culminância do projeto “valores na infância”, com a presença das famílias na escola; Natal de valores.¹⁰²

A participação das famílias na escola acontece de maneira formal, através dos conselhos escolares em que os pais e os/as estudantes possuem representação nos agendamentos de atendimento e, de forma informal, quando procuram a escola para dialogar. Ou seja, existe um diálogo constante entre escola e comunidade. Essas participações são importantes para que o desenvolvimento das crianças ocorra de forma positiva e em parceria com as famílias, mas, ao se considerar os conceitos de cultura e religião na perspectiva das Ciências das Religiões, o PPP da escola precisa conter estratégias capazes de promover o diálogo com as famílias, sem medo ou receio, diante das pressões religiosas, esclarecendo qual o papel social, político e cultural da escola e do Município de Vila Velha.

¹⁰¹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹⁰² VILA VELHA, 2023, p. 26.

Devido à escassez de espaço físico a Festa Cultural Junina da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” acontece em espaço alternativo sem cobertura para chuvas. De acordo com a proposta política pedagógica, as famílias das crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” precisam compreender a importância das trocas de experiências entre as crianças, ao terem acesso às diferentes tradições culturais e religiosas, independentemente da identidade religiosa de seus/suas tutores/as. Ao trabalharem com os fenômenos religiosos presentes nas apresentações das festas juninas, os/as professores/as buscam não inculcar nas crianças conceitos fechados de determinada religião. Ao contrário, esses/as profissionais apresentam, de maneira lúdica, as manifestações religiosas que contribuem com a diversidade cultural que marca a história do Brasil.¹⁰³

Desse modo, é importante investigar: por que os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” não autorizam sua participação nas festas juninas realizadas nessa escola? Esse evento está previsto no plano de ação e no PPP dessa UMEI. Nessa direção, busca-se identificar em que medida a decisão desses pais, mães e responsáveis esbarra nas atitudes de intolerância e preconceito religioso no ambiente escolar. Em termos metodológicos, a pesquisa está ancorada em um estudo bibliográfico, de natureza qualitativa, de tipo descritiva exploratória, com abordagem teórica para apresentar as questões que devem constar no estudo exploratório a ser desenvolvido na sequência destas discussões.

Frente ao cenário descrito, propõe-se o delineamento das construções concretas da pesquisa, através dos dados coletados, analisados e descritos no capítulo a seguir, em que a partir da presença dos registros das entrevistas e do debate com o referencial teórico, será possível alinhar as concepções pertinentes às Ciências das Religiões para tecer caminhos entre religião e cultura, no sentido de dialogar com os pais, mães e responsáveis sobre a riqueza presente nos eventos culturais que a escola realiza. Ou seja, procura-se verificar como esses eventos podem ampliar o conhecimento das crianças em relação à cultura, tendo a Festa Junina como foco para fomentar as discussões e os resultados desta pesquisa.

¹⁰³ VILA VELHA, 2023, p. 15.

3 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O COMBATE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA UMEI “TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI”

No decorrer da pesquisa, foi possível compreender que as interações e as brincadeiras previstas nas DCNs para a Educação Infantil estão presentes nas características da festa junina. Esse aspecto torna relevante as tentativas de demonstrar a importância das tradições culturais na aprendizagem das crianças e as respostas obtidas com as entrevistas, o que pode trazer clareza ao diálogo com os pais, mães e responsáveis das crianças que frequentam a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, para que esses sujeitos compreendam os direitos de aprendizagem das crianças em relação à cultura através do estudo de caso.

Denzin e Lincoln esclarecem que o objetivo de uma pesquisa exploratória consiste no processo de familiarização com um assunto ainda pouco conhecido ou explorado, constituindo-se em um tipo muito específico de pesquisa, ou seja, que comumente assume a forma de um estudo de caso. Para os autores, nesse tipo de pesquisa, haverá sempre alguma obra ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão. Isso foi possível verificar nos trabalhos mencionados ao longo deste estudo, em que se discutiu a importância do diálogo inter-religioso tanto nas escolas de Vila Velha-ES como nas escolas de São Paulo, demonstrando que essa temática perpassa o contexto de diferentes escolas públicas e privadas no território brasileiro.¹⁰⁴

Denzin e Lincoln ressaltam que as pesquisas descritivas, por sua vez, têm o objetivo descrever criteriosamente os fatos e os fenômenos de uma determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado. A pesquisa exploratória pressupõe que o assunto da pesquisa já é conhecido. Mas, a contribuição das pesquisas descritivas consiste em proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida, podendo, também, assumir a forma de um estudo de caso, apesar de essa possibilidade ser mais comum nas pesquisas exploratórias.¹⁰⁵

Na esteira desse debate, os caminhos metodológicos da presente pesquisa serão detalhados para demonstrar o percurso almejado. Na primeira fase, procurou-se a direção da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, para declarar o interesse de realizar a pesquisa nesse espaço escolar. A direção da UMEI mostrou-se solidária em relação ao interesse da pesquisa. Em seguida, realizaram-se as observações no interior dessa UMEI, nos momentos que

¹⁰⁴ DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 15-41.

¹⁰⁵ DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 15-41.

antecederam às festas Juninas, ou seja, durante os ensaios, como também nos momentos de realização das festas.

Além disso, realizaram-se registros fotográficos sob a anuência das autoridades escolares. Essa primeira fase ocorreu antes da elaboração do relatório para qualificação do Mestrado, sendo que, naquele documento, incluíram-se as descrições textuais das observações e os registros das imagens captadas por meio das fotografias. Nesta fase, tentou-se ainda identificar, a partir do PPP da escola, a previsão de realização das festas juninas. Nessa etapa, foi possível observar que a festa junina é realizada sob os moldes de uma festa cultural, no início do segundo semestre de cada ano letivo.¹⁰⁶

A segunda fase da pesquisa foi realizada após o exame de qualificação do Mestrado, e ela iniciou com a pesquisa de campo, envolvendo sobretudo um período de reuniões e entrevistas com os pais, mães e responsáveis. Antônio Gil orienta sobre a liberdade entre entrevistado e entrevistador, da seguinte maneira:

O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada. Percebe-se que nesta técnica, o pesquisador não pode se utilizar de outros entrevistadores para realizar a entrevista, mesmo porque, faz-se necessário um bom conhecimento do assunto.¹⁰⁷

Dessa forma, foram convidados nove membros da comunidade escolar, que, durante os anos letivos de 2022 e 2023, não autorizaram a participação das crianças nas festas juninas. Esses pais, mães e responsáveis participaram voluntariamente de uma breve reunião com a pesquisadora, realizada em 10 de setembro de 2024, no turno vespertino, para conhecer a pesquisa e declararem sua participação nas entrevistas. A partir desse momento, uma nova reunião para explicar a pesquisa de forma mais detalhada foi agendada, conforme será explicado mais adiante.

Vale relembrar que o objetivo geral da pesquisa consistiu em identificar em que medida a decisão dos pais, mães e responsáveis de não autorizarem a participação das crianças na festa junina na escola esbarra em atitudes de intolerância e racismo religioso no ambiente escolar. Decorrente desse objetivo, os objetivos específicos da pesquisa exploram a necessidade de: investigar a tradição cultural e religiosa da festa junina no Brasil e nas instituições escolares; identificar se as manifestações da festa junina são mencionadas nos documentos curriculares educacionais do sistema educacional de Vila Velha-ES; contribuir com o diálogo entre religião e cultura, através da reflexão sobre o fenômeno da festa junina, investigando possíveis atitudes

¹⁰⁶ VILA VELHA, 2023, p. 15.

¹⁰⁷ GIL, 2002, p. 120.

de intolerância religiosa; elaborar um estudo dirigido sobre a religião e a cultura na escola, com o intuito de dialogar com os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, no início do ano letivo, objetivando esclarecer sobre a metodologia e a realização da festa junina na escola.

A hipótese incipiente da pesquisa é que os pais, mães e responsáveis que frequentam religiões neopentecostais ou pentecostais são mais resistentes em autorizar as crianças a participarem das festas juninas realizadas na escola. Em geral, são pessoas que consideram esse evento como uma festa que celebra a idolatria aos santos da ICAR ou às divindades africanas, como demonstra-se ao longo deste estudo ao mencionar-se os estudos de Mazzuco. A realização da festa junina na escola envolve outras características que remetem à cultura, de modo que a resistência de alguns pais, mães e responsáveis em autorizar a participação das crianças tem a ver com o fato deles compreenderem que essa festividade está relacionada a um conjunto de crenças religiosas, percebendo essa celebração como contrária aos valores de sua fé. Na verdade, são influências de interpretações teológicas que tendem a associar os elementos da festa junina à idolatria ou práticas culturais incompatíveis com as doutrinas cristãs. No entanto, tal resistência pode ser mitigada por meio do diálogo inter-religioso e de ações educativas que visam enfatizar o caráter cultural e inclusivo do evento, bem como promover maior aceitação e compreensão entre a comunidade escolar.

Neste fito, perguntou-se para os pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” a seguinte questão: qual a percepção dos pais, mães e responsáveis das crianças que estudam na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” em relação à festa junina na escola, e por que eles/as não autorizam a participação de seus filhos/as na festa junina na escola? Para uma construção reflexiva e crítica das informações selecionadas em campo, foram elaboradas outras questões semiestruturadas que enriqueceram este estudo e levam a construção do produto final. São elas:

- a) você aceita participar desta entrevista que tem como objetivo compreender os motivos que levam os pais, mães, avós e responsáveis a não autorizarem seus filhos e filhas a participarem da festa junina na escola?
- b) qual o seu gênero?
- c) qual a sua cor/raça?
- d) qual o seu nível de escolaridade?
- e) em sua opinião, a festa junina na escola UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” é uma festa cultural, religiosa ou lúdica?

- f) você autoriza ou já autorizou seu filho/a participar da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”?
- g) você já perguntou para seu filho/a se ele/a gostaria de participar da festa junina na escola antes de proibir a participação?
- h) a UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” envia a letra da música para as famílias conhecerem as músicas que as crianças irão apresentar na festa junina?
- i) você já foi convidado/a para participar de reuniões na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” para tratar sobre o assunto da festa junina?
- j) você leu ou ouviu falar sobre a proposta pedagógica da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”?
- k) por que você não autoriza seu filho/a participar das festas juninas realizadas na escola?
- l) qual a sua religião/denominação?

Na fase de análise dos dados, encontrou-se algum amparo nas acepções de Flavio Senra, Frederico Pieper, Clifford Geertz, entre outros, para fundamentar a proposta de articulação entre a teoria e prática no campo explorado, o que resultou nos registros e nas discussões descritas a seguir.

3.1 Observar, ouvir e registrar: a pesquisa com os pais, mães e responsáveis

Nesta etapa, registra-se a terceira fase da pesquisa, que fora organizada e pensada para observar, ouvir e registrar as respostas que os sujeitos entrevistados destacaram em sua participação. Após a primeira reunião, no dia 10 de setembro de 2024, foram selecionados os nove pais e responsáveis que aceitaram participar da pesquisa para um novo encontro, que ocorreu em 24 de setembro, na sala dos/as professores/as da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Lá, essas pessoas tiveram acesso ao relatório acadêmico com as perguntas e puderam tirar suas dúvidas e conhecer a pesquisa em voga.

Durante a reunião, os/as entrevistados deram sua opinião sobre a importância de estarem participando desse momento. Em primeiro lugar, esclareceu-se como abrir o aplicativo do *Google forms* no celular, de modo que cada questão foi lida e explicada para os/as participantes. Eles/as foram respondendo simultaneamente um conjunto de questões objetivas e prosseguiram respondendo à questão discursiva¹⁰⁸. Daí por diante, passou-se para a quarta fase da pesquisa,

¹⁰⁸ As questões com as respostas originais estão salvas no Google Drive e serão compartilhadas com a FUV.

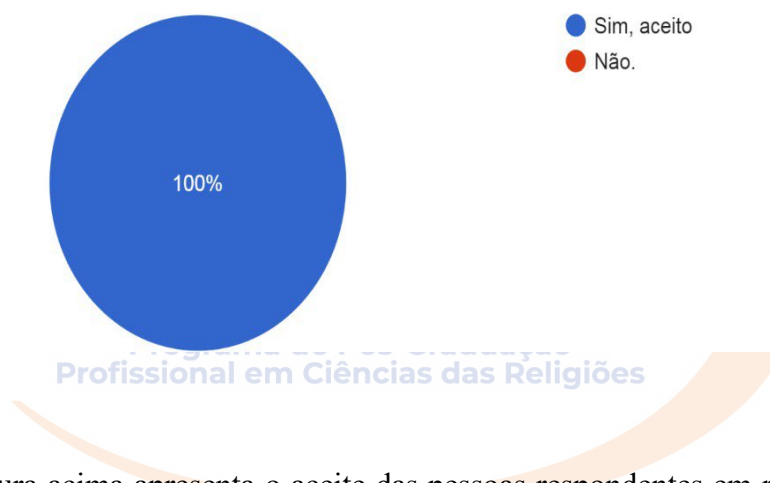
que consistiu na análise e na construção das discussões abordadas, através da análise das questões, que serão explicadas à luz das figuras abaixo.

A primeira questão teve como proposta evidenciar o aceite voluntário por parte das pessoas respondentes às questões da pesquisa de campo. A primeira questão foi formulada da seguinte maneira: você aceita participar desta entrevista que tem como objetivo compreender os motivos que levam os pais, mães, avós e responsáveis a não autorizarem seus/as filhos/as a participarem da festa junina na escola? A figura abaixo apresenta as respostas obtidas:

Figura 3. Aceite para participação da entrevista¹⁰⁹

1- Você aceita participar desta entrevista que tem como objetivo compreender os motivos que levam os pais, mães, avós e responsáveis a não autorizarem seus/as filhos/as a participarem da festa junina na escola?

9 respostas



A figura acima apresenta o aceite das pessoas respondentes em relação à participação na pesquisa, que procura medir e compreender o que elas pensam sobre a participação das crianças na festa junina no contexto da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Pode-se constatar que, não houve resistência por parte das famílias em participar da pesquisa posto que, houve cem por cento (100%) de adesão. Ou seja, todos os nove indivíduos.

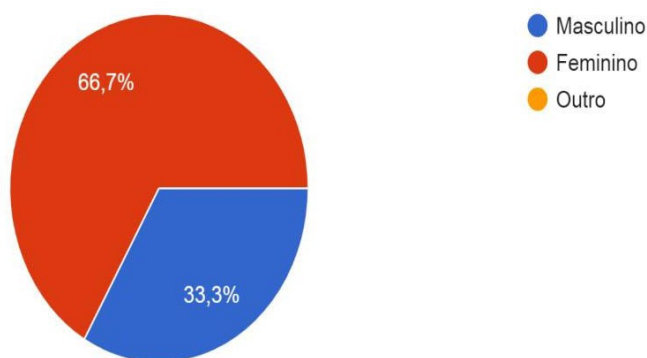
A segunda questão buscou investigar o gênero de cada participante da pesquisa. Observe que, a segunda questão foi formulada da seguinte maneira: Qual o seu gênero? A figura abaixo apresenta as respostas obtidas

¹⁰⁹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 4. Gênero¹¹⁰

2- Qual o seu Gênero?

9 respostas



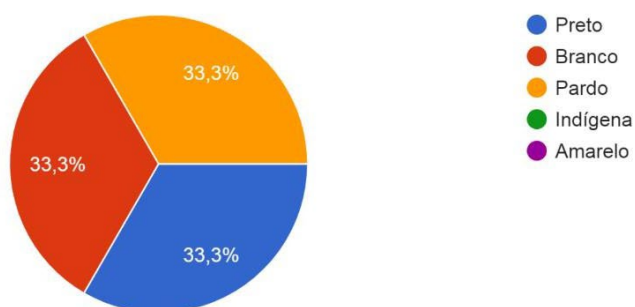
Nota-se ao analisar o segundo gráfico que, dentre as nove pessoas respondentes, 66,7% assumiram o gênero feminino, ao passo que 33,3% declararam-se ser do gênero masculino. Esse resultado já era esperado, visto que são as mulheres que mais participam da vida escolar das crianças no contexto dessa UMEI.

Prosseguindo para a terceira questão, observa-se que questionou-se em relação a cor/raça: Qual a sua cor/ raça ? Desta forma , considera-se os seguintes resultados:

Figura 5. Cor/raça¹¹¹

3- Qual a sua cor / raça

9 respostas



Em relação a cor/raça das pessoas respondentes, 33,3% são pretos. As pessoas brancas entrevistadas também perfazem 33,3%, e as demais pessoas, também 33,3%, declararam-se pardas. Com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa, prosseguiu-se para a quarta questão, averiguando o grau de escolaridade das pessoas participantes. Veja:

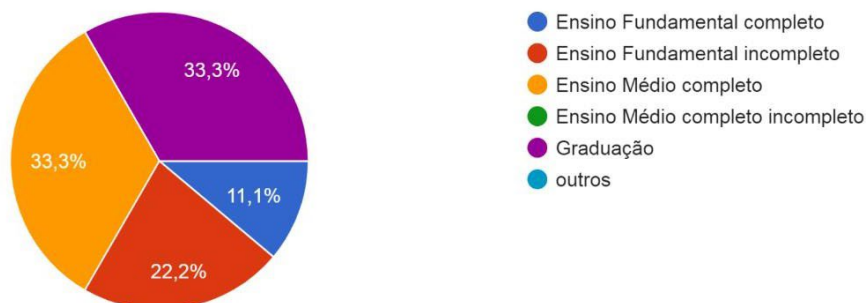
¹¹⁰ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹¹¹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 6. Nível de escolaridade¹¹²

4- Qual o seu nível de escolaridade

9 respostas



Em relação ao nível de escolaridade das pessoas participantes da pesquisa, constatou-se que apenas 11,1% concluíram o Ensino Fundamental, ao passo que 22,2% não completaram essa etapa da Educação Básica. Além disso, 33,3% concluíram o Ensino Médio, e 33,3% possuem algum diploma em nível de graduação. Mesmo assim, os resultados demonstram que os pais, mães e responsáveis das crianças que estudam na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” estão buscando prosseguir em seus estudos e em sua formação profissional. Esse fato traz benefícios significativos para a autonomia e para o protagonismo das crianças, pois, cada vez que se amplia o conhecimento de um indivíduo, seu grupo familiar e social também é privilegiado, de maneira que as crianças vão crescendo e internalizando a necessidade de prosseguir nos estudos como algo bom e necessário.

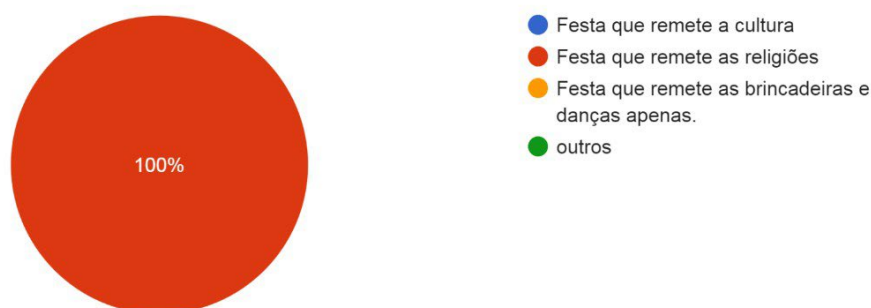
Durante a aplicação dessas quatro questões, as falas das pessoas participantes foram bastante tímidas e pausadas. No entanto, a partir da aplicação da quinta questão, elas levantaram questões importantes em torno de suas experiências com a escola e com a festa junina, deixando evidências de que as atitudes de intolerância e racismo religioso podem ocorrer até mesmo quando não se tem a intenção de cometê-los. Essa realidade demonstra a importância de substituir tais práticas por atitudes de respeito ao outro e às escolhas de vida que esse outro faz. A quinta questão visava identificar se a festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” é uma festa religiosa, cultural ou lúdica, através da seguinte pergunta: em sua opinião, a festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” é uma festa:

¹¹² Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 7. Opinião sobre a festa junina na escola¹¹³

5- Em sua opinião, a Festa Junina na escola “UMEI TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI” é uma festa:

9 respostas



Para todas pessoas entrevistadas, a finalidade da festa junina destina-se às religiões. Nesse momento, questionou-se sobre como a festa poderia remeter à religião se, no PPP da escola, consta que a festa remete à cultura. As pessoas responderam que “é tudo misturado! Tem professora que canta música de louvor com as crianças. Outra já canta música de forró e sertaneja, e as decorações é tudo de quadrilha. Então, é festa junina pagã”¹¹⁴, afirmou a respondente Sara. É notável nesta questão as aproximações com os símbolos interpretados nas diferentes culturas e como essa perpetuação das bandeirolas coloridas que remetem às festas juninas tem um forte significado no imaginário das pessoas entrevistadas.

Diante da afirmativa de que a festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” remete às tradições das festas juninas religiosas, a sexta questão propôs investigar e verificar se os pais, mães e responsáveis autorizam ou já autorizaram seus/as filhos/as a participarem da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, através da seguinte pergunta: você autoriza ou já autorizou seus/as filhos/as participarem da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”? A resposta pode ser analisada na próxima figura:

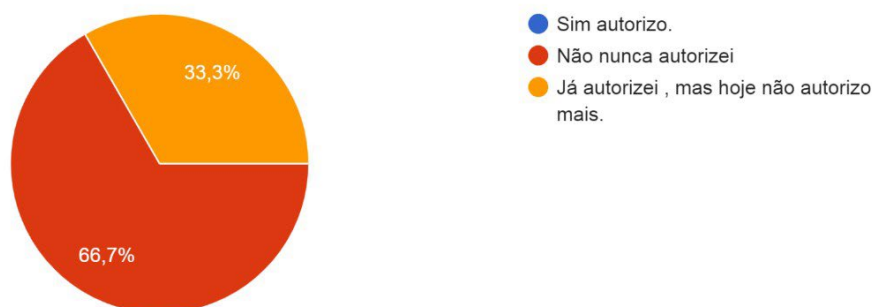
¹¹³ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹¹⁴ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 8. Autorização para participação da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”¹¹⁵

6- Você autoriza ou já autorizou seu filho /a a participar da Festa Junina na escola na UMEI TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI ?

9 respostas



Ao serem questionados se já autorizaram ou se autorizam os estudantes que estão sobre sua responsabilidade a participarem da festa junina na escola, 66,7% das pessoas respondentes disseram que nunca autorizaram a participação das crianças. Mas, 33,3% disseram que sim, que já autorizaram, porém, hoje, não autorizam mais. Essa informação também pode ser constatada nos bilhetes de autorização enviados para as famílias, através da agenda dos/as estudantes, durante o período de realização da festa junina, reforçando as hipóteses pressupostas neste estudo.

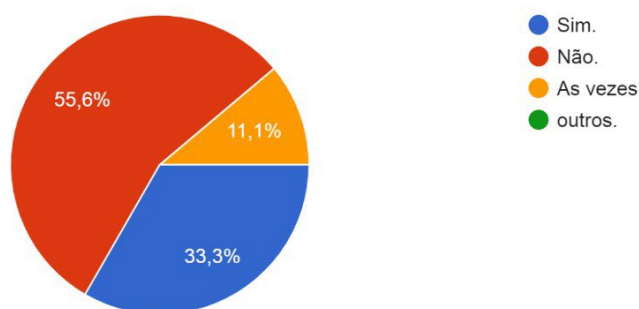
Com o intuito de detectar se as crianças são ouvidas nessa decisão, aplicou-se a sétima questão, perguntando se, em algum momento durante a organização dos preparativos da festa junina na escola, os pais, mães ou responsáveis perguntaram para as crianças o que elas gostariam de fazer, antes de proibi-las: você já perguntou ao seu/a filho/a se ele/a gostaria de participar da festa junina na escola antes de proibir sua participação no evento?

¹¹⁵ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 9. Opinião dos/as filhos/as sobre o desejo de participar das festas juninas na escola¹¹⁶

7- Você já perguntou para seu filho/a se ele/a gostaria de participar da festa junina na escola antes de proibir a participação?

9 respostas



Ao questionar sobre a escuta das crianças em relação à participação delas nas festas juninas, 33,3% das pessoas entrevistadas responderam que sim. No entanto, 55,6% disseram que não costumam perguntar às crianças se elas gostariam de participar da festa junina. 11,1% informou que, às vezes, perguntam. De modo geral, os dados demonstram que dentre as famílias das crianças representadas nesta pesquisa apenas 33,3% desenvolvem a escuta sensível com as crianças, mas, elas enfatizaram que perguntam e explicam os motivos pelo qual não os deixam participar da festa junina.

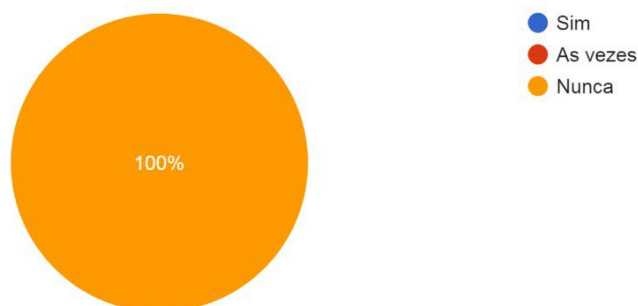
A oitava questão pretendeu investigar se a comunidade escolar e a escola realizam uma boa comunicação em relação à organização da festa junina, especialmente em relação à letra das músicas que serão executadas no decorrer da festividade. Então, perguntou-se a escola envia ou enviou bilhetes com a letra da música para as famílias as conhecerem, através da seguinte questão: A UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” envia a letra da música para as famílias conhecerem as músicas que as crianças vão apresentar na festa

¹¹⁶ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 10. Envio da letra das músicas para conhecimento das famílias¹¹⁷

8- A “UMEI TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI envia a letra da música para as famílias conhecerem as músicas que as crianças irão apresentar na Festa Junina ?

9 respostas



A resposta da oitava questão indica que 100% das pessoas respondentes registraram que a escola não envia antecipadamente a letra da música a ser apresentada na festa junina para análise dos pais, mães e responsáveis pelas crianças. Em diálogo, as pessoas respondentes complementaram que recebem os bilhetes apenas informando a data da festa com a pergunta se a criança está autorizada ou não a participar: “no bilhete, tem até um espaço para a gente marcar o ‘X’ e assinar, mas, não se explica nada sobre as músicas. A professora fala [...], na porta da sala, quando a gente vai buscar as crianças”¹¹⁸, explica Fátima. Essa questão demonstra a fragilidade pedagógica que pode ser facilmente sanada nos próximos anos, e que será explorada na proposta do estudo dirigido ao final deste estudo.

A nona questão reflete a participação dos pais, mães e responsáveis nas reuniões para abordar a festa junina no contexto da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Às pessoas participantes da pesquisa, perguntou-se o seguinte: você foi convidado/a para participar de reuniões na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” para tratar sobre o assunto da festa junina?

¹¹⁷ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹¹⁸ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 11. Convite para participação nas reuniões para tratar sobre as festas juninas¹¹⁹

9- Você á foi convidado/a para participar de reuniões na “UMEI TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI para tratar sobre o assunto da Festa Junina ?

8 respostas



De acordo com as respostas obtidas, 75% das pessoas alegaram que nunca foram convidadas durante o ano letivo para conhecer e/ou discutir sobre a festa junina na escola. Porém, 25% responderam que até foram convidadas, mas não participaram por impedimentos pessoais. Diante dessas respostas, consultou-se no PPP da escola algumas ações que pudessem validar tal informação. Verificou que, na agenda do plano de ação da escola, existem momentos reservados para reuniões com a comunidade de pais, mães e responsáveis, para tratar sobre os eventos da escola. No entanto, percebe-se que, como esses participantes já possuem uma concepção negativa sobre a festa junina, eles não demonstraram interesse em participar das reuniões para tratar sobre esse assunto.

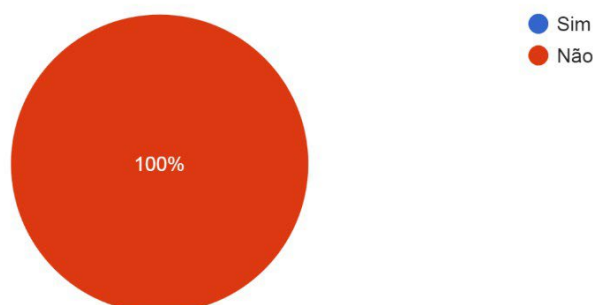
Desse modo, a décima questão pretendeu verificar se as pessoas respondentes conhecem a proposta pedagógica da escola, também chamada de PPP da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”? As repostas podem ser consultadas na figura abaixo:

¹¹⁹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Figura 12. Conhecimento sobre a proposta pedagógica da escola¹²⁰

10- Você leu ou ouviu falar sobre a Proposta Pedagógica da "UMEI TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI ?

9 respostas



As pessoas participantes da pesquisa responderam que não conhecem o documento, totalizando 100% das respostas. A UMEI "Terezinha Agostini Pagotti" possui o PPP atualizado, em consonância com as diretrizes do sistema municipal de educação de Vila Velha e com a BNCC, atendendo às legislações vigentes. Talvez, seja necessário ampliar as discussões sobre esse documento com a comunidade escolar, de forma mais abrangente, pois ele é importante para nortear todas as ações da escola e deve ser planejado e executado com a participação e anuência de todos os atores da escola. Para esta pesquisa, o PPP escolar possui um valor imensurável, porque norteia as práticas metodológicas e indicam reais características das festas juninas no cotidiano da escola.

As questões analisadas na seção subsequente demonstram os conflitos e os diálogos sobre a realização das festas juninas na escola. São questões presentes nos registros coletados e na escuta de cada participante. Nessa etapa da pesquisa, as questões passaram a ser discursivas.

3.2 Conflitos e diálogos sobre a realização da festa junina na escola: religião e cultura

A décima primeira questão demonstra, de maneira específica e singular, o que cada respondente justificou sobre a negativa em relação à festa junina. As pessoas participantes responderam a seguinte questão: Por que você não autoriza seu filho/a participar das festas juninas realizadas na escola? Para essa questão, as pessoas respondentes optaram por criar um nome fictício para si e para a criança que ela é responsável, mantendo, porém, o nome da instituição religiosa sem alterações. Esse fato chamou a atenção para o sentimento de pertença

¹²⁰ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

à identidade religiosa denominacional. Cada pessoa respondente foi identificada com uma letra do alfabeto e, em seguida, com um nome por ela escolhido.

A respondente A – Cleide, Mãe de Bia, da igreja Casa de Oração, respondeu o seguinte:¹²¹

A não permissão é por conhecer a origem das festas que tem como base agradecer aos santos pelo sucesso nas colheitas. Mas minha filha, a Bia já participou da festa junina quando era mais novinha com 4 aninhos. A música não falava de santos, nem de fogueira. A escola era particular, daí, já viu, né! Acho que foi difícil até a professora era evangélica, mesmo assim fui sempre conversando e dando exemplos sobre o pecado da idolatria, hoje que está com cinco anos ela precisa entender que não pode e não quis dançar.¹²²

Trata-se de uma pessoa do sexo feminino, com aproximadamente trinta e cinco anos, Ensino Fundamental completo e mães de três filhos/as, sendo que a segunda filha, Bia, de cinco anos, é uma criança carinhosa e alegre que frequenta o grupo do infantil V, turno matutino, na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Cleide pertence à comunidade evangélica protestante há onze anos – igreja Casa de Oração. Ela demonstra, em sua fala, uma preocupação com a identidade religiosa de sua filha, assumindo conhecer as tradições culturais da festa junina, porém, enfática ao dizer e registrar que não quer que sua filha pratique o pecado da idolatria, referindo-se à reverência aos santos católicos. Cleide demonstra que sua atitude em proibir a participação da filha nas festas juninas está ligada apenas às características religiosas, pois afirma já ter deixado a criança dançar no ano anterior em outra escola, quando a música não representou santos e/ou fogueiras.

A fala de Cleide demonstra a importância de promover o diálogo intercultural e inter-religioso entre as famílias e a escola, para que, juntas, consigam traçar um modelo de festa junina que respeite a todos.

A respondente B – Sara, mãe de Arthur, da igreja Assembleia de Deus, disse o seguinte:

O intuito de uma festa junina é uma festa pagã, assim como o Carnaval que adoram a imagens. Um dia meu filho relutou e quis participar das danças da festa junina. Eu expliquei para ele que os seus irmãos mais velhos nunca dançaram e que se ele dançasse estaria dançando para o ‘inimigo da nossa alma’ Ele entendeu e concordou em não dançar. Penso que como pais temos que instruir nossos filhos para não se acostumarem com as coisas desse mundo.¹²³

Sara é uma pessoa do sexo feminino, de pele preta, com aproximadamente trinta anos. Ela possui formação com Ensino Médio completo. Sara é mãe de quatro meninos, com

¹²¹ Em respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes dos participantes, pitou-se pelo nome fictício do participante e do estudante.

¹²² Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹²³ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

diferentes idades: treze, dez, oito e o mais novo com cinco anos. Arthur é o filho mais novo de Sara, e ele não pode participar da festa junina na escola, porque, segundo ela, já explicou para as crianças que essa festa seria um evento pagão, de adoração a imagens. Sara foi enfática ao dizer que precisa instruir seu filho a não pecar.

A resposta dada por Sara tem suas raízes na doutrina da igreja Assembleia de Deus, a qual pertence desde a infância. Para ela, o sagrado não pode se relacionar com o profano. Sara gesticulava com mãos e braços, demonstrando uma relação afetiva com a escola, mas, em sua concepção, a festa junina deveria ser excluída do calendário letivo.

A respondente B – Sandra, vó de Lucas Henrique, da igreja Batista, em Ulisses Guimaraes, respondeu o seguinte:¹²⁴

Não deixo meu neto participar da festa junina porque é uma festa de adoração a outros deuses. E como sabemos só temos um Deus, a quem é digno de todo louvor e toda adoração. Acho que a escola não deveria ter esse tipo de evento porque confunde a cabecinha das crianças.¹²⁵

Sandra é uma pessoa do sexo feminino, com aproximadamente cinquenta e dois anos e pele parda. Ela frequenta a igreja Batista, em Ulisses Guimarães, Vila Velha-ES, e é avó materna de Lucas Henrique. Sandra não tem a guarda judicial de Lucas Henrique, mas assumiu a criação do neto desde os três anos, quando o pai dele faleceu por insuficiência renal, e sua filha precisou trabalhar na casa de uma família, vindo para casa apenas nos finais de semana.

Sandra falou pouco, apresentando semblante sério, dizendo imediatamente que é contra a realização da festa junina na escola como uma das atividades do ano letivo. Para ela, todos os anos, as famílias precisam dizer e assinar que a criança não vai participar das festas juninas. Em sua concepção, a festa junina destina-se à adoração a outros deuses, referindo-se, na verdade, aos santos do catolicismo romano. Ela afirmou que “somente Deus é digno de todo o louvor”¹²⁶. A fala de Sandra não sinalizou a atitude de intolerância religiosa, e sim a necessidade de um pouco mais de conhecimento sobre as tradições e os fenômenos religiosos.

A respondente C – Suelly, mãe de Cibely, da igreja Assembleia de Deus, disse:

No meu modo de ver e pensar, ensinei as minhas filhas que as festas juninas são para agradar a São Pedro, São João e santo Antônio, que são santos pagãos. E que na nossa religião, que somos evangélicos, não acreditamos nisso, porque, para a gente, o único Deus é Deus pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo, que são uma trindade. Mas, eu respeito quem participa e quem gosta, até falei isso com a professora, mas minhas

¹²⁴ Em respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes dos participantes, pitou-se pelo nome fictício do participante e do estudante.

¹²⁵ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹²⁶ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

filhas não participam. Além do que, hoje em dia, tem muitas danças que ensinam as crianças a rebolar, com letras de forró e pornografia.¹²⁷

Suely é uma pessoa do sexo feminino, com aproximadamente vinte anos de idade, mãe de Cibely, que tem cinco anos, Kailaine, de três anos, e Julia, com apenas um ano. Suely está concluindo o Ensino Médio. Suely respondeu de forma respeitosa, esclarecendo para as crianças sobre sua concepção acerca das manifestações da festa junina, deixando claro que respeita os rituais e as tradições, mas, para ela, a adoração só pode ser a Deus, ao Espírito Santo e a Jesus Cristo. Suely também fez menção ao mercado musical contemporâneo, criticando algumas letras que remetem à cultura de massa.

A respondente D – Fátima, avó de Mayara, da Igreja Cristã Maranata, disse o seguinte:¹²⁸

Minha neta não participa, porque essas festas são em homenagem a santos e imagens da igreja católica, e a bíblia fala que tudo folego louve ao Senhor, como está escrito em Salmos capítulo 150, versículo 6. E, mesmo as escolas falando que são festas culturais, por causa da colheita, a gente sabe que essas festas deturpam a palavra de Deus.¹²⁹

Fátima é uma pessoa do sexo feminino, com aproximadamente quarenta anos, avó paterna de Mayara, pertencente à Igreja Cristã Maranata. Ela possui graduação em Pedagogia e trabalha apenas no turno matutino, como ela disse, em uma “escolinha” particular do bairro. Fátima participou da entrevista, porque os pais da criança trabalham, e é a pessoa que leva, busca e participa das reuniões da escola.

Segundo Fátima, com a permissão dos pais, ela proibiu a participação de Mayara na festa junina, por não a deixar participar de festas em homenagem a santos e imagens da igreja católica romana. Ela explica que “a bíblia fala que tudo fôlego louve ao Senhor, como está escrito em Salmos capítulo 150, versículo 6”¹³⁰. Fátima tem uma fala um tanto “pesada”, quando diz que: “E mesmo as escolas falando que são festas culturais por causa da colheita, a gente sabe que essas festas deturpam a palavra de Deus”¹³¹. Para ela, qualquer tipo de festa cultural vai contra seus princípios religiosos, demonstrando um possível traço de racismo religioso em relação às demais religiões.

¹²⁷ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹²⁸ Em respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes dos participantes, pitou-se pelo nome fictício do participante e do estudante.

¹²⁹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹³⁰ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹³¹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

A fala de Fátima remete à urgência de ampliar as discussões e os diálogos que, muitas vezes, podem ocorrer no interior da escola sobre a questão da liberdade religiosa e da diversidade cultural, porém, não alcançam os pais e a comunidade escolar.

O respondente E – Anthony, pai de Yuri, da igreja Renovados em Cristo, afirmou o seguinte:¹³²

Meu filho e eu somos evangélicos. A professora até mandou um bilhete, explicando que a festa é cultural, que a música que ele vai dançar é um forró gospel, da cantora Aline Barros, e que não falava de santos, mas, é pecado ouvir música secular e, misturar as músicas, eu acho pior ainda! Não concordo em ficar misturando as coisas, sabe!¹³³

Anthony é um jovem de pele branca, com aproximadamente vinte e dois anos de idade. Ele possui Ensino Fundamental incompleto e trabalha como embalador em um supermercado próximo ao bairro. Ele é pai apenas de Yuri, que tem cinco anos e que estuda no turno vespertino da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Anthony, sua esposa e seu filho são evangélicos e pertencem à igreja Renovados em Cristo. Com uma fala meio tímida e olhando por baixo, Anthony enfatizou que sua família é evangélica e que, mesmo tendo sido explicado pela professora que a turma da criança dançaria uma música gospel, optou por não deixar Yuri dançar, porque eles preferem não misturar eventos evangélicos com eventos seculares.

A respondente F – Marise, mãe de Luiz Augusto, também da igreja Renovados em Cristo, respondeu o seguinte:

Eu sempre ouvi lá na igreja que participar de festas juninas é pecado de idolatria. Por isso, não deixo meu filho participar. As comidas eu até compro, porque são as merendeiras que fazem, e eu sei que elas são evangélicas e a comida é gostosa e barata. Mas, deixar dançar, aí já viu né!¹³⁴

Marise é uma jovem, mãe de Luiz Augusto. Ela tem aproximadamente dezenove anos, natural da Bahia, com sotaque bastante destacado em sua oralidade. Ela veio morar no Espírito Santo há apenas dois anos, e foi acolhida pelos membros da igreja Renovados em Cristo. Marise destacou que ainda não se batizou, mas que já se sente membro da igreja, porque lá ela se sente bem e está aprendendo muitas coisas sobre a bíblia e sobre o relacionamento com Deus.

Uma das coisas que ela mencionou que aprendeu na reunião de mulheres, chamada “Pais para toda vida”, é que as mães não devem deixar seus filhos participarem de festas de idolatria, tais como as festas juninas e Carnaval. Ela explicou o seguinte: “O Natal até pode, mas só se não

¹³² Em respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes dos participantes, pitou-se pelo nome fictício do participante e do estudante.

¹³³ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹³⁴ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

tiver papai Noel, porque papai Noel é santo Nicolau”¹³⁵. Nas falas de Marise, fica evidente a alienação que muitas doutrinas ou denominações fazem na mente de seus membros e seguidores. Marise demonstra está comprometida com a metodologia aplicada em sua igreja, mas não acha que é pecado comprar e consumir os alimentos vendidos ou oferecidos nas mesmas festas em que ela proíbe seu filho de participar.

O respondente G – Fábio, pai de Eduarda, da igreja Batista em Ulisses Guimaraes, afirmou o seguinte:¹³⁶

Como cristão, não posso autorizar minha filha a dançar músicas seculares que envolvem fantasias e movimentos que, muitas vezes, não são apropriados para a idade dela, que só tem cinco anos. Penso que a palavra de Deus deve ser levada a sério, e as crianças precisam aprender desde cedo o caminho certo.¹³⁷

Fábio é uma pessoa do sexo masculino, com vinte e cinco anos, que se declara pardo. Ele possui Ensino Médio completo, é pai de Eduarda, que tem apenas cinco anos, e Elisa, de nove anos. Fábio toca bateria no ministério de louvor da igreja Batista em Ulisses Guimarães, onde é membro desde sua conversão que ocorreu quando ele tinha quinze anos de idade. Em seu relato, ele disse ter perguntado para sua filha, Eduarda, se ela gostaria de participar da festa junina, mas após a criança responder que sim, ele explicou os motivos que a não deixaria participar, usando a palavra de Deus para explicar. Fábio demonstrou ter clareza sobre suas convicções religiosas e a forma como costuma dialogar com suas filhas.

O respondente H – Guilherme, pai de Ingridy, da igreja Batista Kairós, respondeu o seguinte:

Antes, eu até deixava dançar a festa junina na escola, porque não vendem bebida alcoólica, as comidas são gostosas, as brincadeiras de pescaria são divertidas, mas, quando me converti, conversando com o meu pastor, ele explicou sobre a atmosfera da festa junina. Disse que é uma atmosfera pecaminosa, porque faz alusão à idolatria, mesmo com outros nomes e com músicas diferentes, que não falam explicitamente de santos, mas que, no fundo, são oferendas a santos pagãos, casamentos que eram só ajuntamento, e as fantasias que as crianças usam são máscaras e adereços para fazer o que quiserem, e isso não agrada a Deus.¹³⁸

O respondente Guilherme é uma pessoa do sexo masculino, com vinte e nove anos, que se declara como negro. Ela possui Ensino Médio completo, e é pai de Ingridy, de cinco anos. Ele trabalha como trocador na empresa de transporte da região metropolitana. Guilherme declarou-se evangélico e frequenta a igreja Batista Kairós, há aproximadamente três anos.

¹³⁵ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹³⁶ Em respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes dos participantes, pitou-se pelo nome fictício do participante e do estudante.

¹³⁷ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹³⁸ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

Guilherme destaca que, antes de se converter, até deixava sua filha participar da festa junina na escola. Mas, após sua conversão, conversou com o pastor, que lhe explicou o seguinte: “a atmosfera da festa junina na escola tem a ver com a idolatria”¹³⁹. Guilherme também destacou a questão dos casamentos “arranjados” antigamente, até que os padres pudessem chegar no interior. Para ele, as brincadeiras que remetem ao casamento na festa junina, assim como os adereços e as roupas caipiras, são coisas que desagradam a Deus.

Ao analisar as respostas dos pais, mães e responsáveis pelas crianças matriculadas na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”, pode-se observar que existem algumas controvérsias em relação à leitura do PPP no que tange ao modelo de festa junina pautada em temas que refletem a cultura e os hábitos da comunidade escolar, diante das acusações e das declarações dos familiares evangélicos que, em geral, percebem na realização e organização da festa junina o engajamento com as tradições religiosas católicas romanas.

A escola pública é laica e deve favorecer o exercício democrático, bem como dar voz à pluralidade cultural, à interdisciplinaridade e aos direitos de expressão de todo cidadão e cidadã brasileiro/a. Desse modo, há de se pensar que a escola mencionada precisa se preparar didática e pedagogicamente para que, de forma reflexiva e crítica, consiga debater as festas juninas com as famílias a partir de perspectivas científicas e culturais capazes de romper com os dogmas e com a intolerância religiosa.

Nessa mesma direção, a rede de ensino de Vila Velha-ES tem se apropriado da BNCC e dos demais documentos norteadores da Educação Infantil para fundamentar suas diretrizes. Mesmo não tendo sinalizado detalhadamente acerca dos eventos culturais, tais como a festa junina na escola, as diretrizes municipais deixam claro a necessidade de inserir a criança no mundo cultural, de forma integral, dialogando com a comunidade escolar local sobre as demandas que chegam à escola sobre esse assunto. Assim, apresenta-se as seguintes orientações da BNCC:

Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos Direitos Humanos; c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania.¹⁴⁰

¹³⁹ Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

¹⁴⁰ BRASIL, 2018, p. 436.

Frente ao exposto, deve-se articular a BNCC para trabalhar com questão da religiosidade e das tradições religiosas, na perspectiva das Ciências das Religiões, com os/as estudantes, o que contribui para o processo de desenvolvimento integral das crianças, bem como proporciona situações e experiências que permitem que elas vejam o mundo de diferentes formas. Ao mesmo tempo, as crianças são despertadas para uma convivência saudável com as diferenças, respeitando-as e valorizando-as, tendo como resultado a compreensão do seu relacionamento com sua dimensão religiosa e a do outro. Com efeito, os pais, mães e responsáveis devem ser estimulados e motivados a participarem e a incentivarem a participação das crianças nas festividades da escola.

3.3 Estudo dirigido: importância da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”

As imagens a seguir demonstram o estudo dirigido que tem como público-alvo dessa proposta os pais, mães e responsáveis dos/as estudantes da Educação Infantil. O período proposto para sua realização do referido estudo é semestral, com os seguintes objetivos: apresentar com *slides* e palestras expositivas a importância do conhecimento sobre a cultura e das tradições culturais a partir das ciências das religiões; dialogar com os pais e responsáveis construindo de forma coletiva e colaborativa novas concepções sobre a festa junina na escola.¹⁴¹

¹⁴¹ Anexos A. Elaboração própria, dados inéditos, 2025.

ESTUDO DIRIGIDO



Venha aprender
sobre cultura e religião
através da festa junina.

**Festa
Junina.
Ciência das
Religiões.
Diálogos
Interculturais.**

**Primeiro
estudo dirigido
Semestral**

ESTUDO DIRIGIDO



Público Alvo: são os pais, mães e responsáveis dos/as estudantes da Educação Infantil.

Objetivo: apresentar com slides e palestras expositivas a importância do conhecimento sobre a cultura e das tradições culturais a partir das ciências das religiões.

Desenvolvimento: propor uma conversa com os pais, mães, responsáveis, gestor escolar e equipe pedagógica, convidando um professor de história para falar sobre a tradição cultural da festa junina e sua relevância para o aprendizado das crianças.

Propor ouvir novas sugestões e possibilidades de (re) organizar as festas juninas na escola, enfatizando que são festas de cunho cultural que podem manifestar características das diferentes religiões, desde as predominantes até as que estão se consolidando atualmente, mas, para isso, deve-se dialogar com a escola, de forma interdisciplinar e à luz das Ciências das Religiões.

elaborar um formulário de atividade de pesquisa, com espaço para escrita e elaboração das sugestões.

Elaborar e sugerir três estratégias para trabalhar a cultura na escola.



1ª Estratégia: abordagem sobre as origens históricas da festa junina, ou seja, com explicações para os pais, mães e Responsáveis que a festa junina tem raízes nas tradições europeias trazidas pelos portugueses e que, no Brasil, ela foi adaptada às influências indígenas, africanas e de outras culturas, mostrando como isso reflete a diversidade cultural do país.

2ª Estratégia: Consiste na valorização dos aspectos regionais, explorando as diferentes formas de celebração da festa junina nas regiões do Brasil. Sendo importante destacar os elementos culturais, tais como as músicas típicas, dança, por exemplo, quadrilha, culinária, incluindo a realização de oficinas de culinária com receitas juninas: bolo de fubá, pipoca, canjica e paçoca. O objetivo de utilizar essa atividade consiste em falar sobre os alimentos típicos do Brasil e sua importância cultural.

3ª Estratégia: se trata da criação de diálogos interculturais capazes de promover discussões sobre as diferenças entre as práticas culturais relacionadas às festas juninas em diferentes contextos. Espera-se, com isso, incentivar os/as estudantes à partilha das tradições familiares

Base teórica e referência:

ARAUJO, Alceu M. Cultura popular brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1973. p. 28.
CAMPOS, Judas T. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. Revista Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 99, 2007, p. 589.
CORTELLA, Mario S. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Cortez, 1998. p. 149-150.

¹⁴² Fonte: Elaborado pela autora

Para tanto, propõe-se uma conversa com os pais, mães, responsáveis, gestor escolar e equipe pedagógica, convidando um professor de história para falar sobre a tradição cultural da festa junina e sua relevância para o aprendizado das crianças. Propõe-se ainda ouvir novas sugestões e possibilidades de (re) organizar as festas juninas na escola, enfatizando que são festas de cunho cultural que podem manifestar características das diferentes religiões, desde as predominantes até as que estão se consolidando atualmente, mas, para isso, deve-se dialogar com a escola, de forma interdisciplinar e à luz das Ciências das Religiões. Com isso, pretende-

¹⁴² Elaboração própria, dados inéditos.

se elaborar um formulário de atividade de pesquisa, com espaço para escrita e elaboração das sugestões.

Sugere-se, ainda, uma festa junina em que as famílias possam participar com as crianças nas danças e decorações, trazendo sua própria cultura para o interior da escola. Além disso, considera-se a pertinência de três estratégias para trabalhar a cultura na escola. A primeira seria uma abordagem sobre as origens históricas da festa junina, ou seja, com explicações para os pais, mães e responsáveis que a festa junina tem raízes nas tradições europeias trazidas pelos portugueses e que, no Brasil, ela foi adaptada às influências indígenas, africanas e de outras culturas, mostrando como isso reflete a diversidade cultural do país.

A segunda estratégia consiste na valorização dos aspectos regionais, explorando as diferentes formas de celebração da festa junina nas regiões do Brasil. É importante destacar os elementos culturais, tais como as músicas típicas, dança, por exemplo, quadrilha, culinária, incluindo a realização de oficinas de culinária com receitas juninas: bolo de fubá, pipoca, canjica e paçoca. O objetivo de utilizar essa atividade consiste em falar sobre os alimentos típicos do Brasil e sua importância cultural.

A terceira estratégia se trata da criação de diálogos interculturais capazes de promover discussões sobre as diferenças entre as práticas culturais relacionadas às festas juninas em diferentes contextos. Espera-se, com isso, incentivar os/as estudantes à partilha das tradições familiares.

O estudo dirigido tem como proposta de avaliação a realização de uma roda de conversa com os pais, mães e responsáveis. Trata-se de um momento em que eles/as tenham abertura para falar, ao menos, três pontos positivos e três negativos do estudo em papel cenário, com pincel piloto. Nessa ocasião, cada família deverá retratar as festas de sua tradição religiosa, bem como suas respectivas denominações religiosas. Esse material será exposto no dia mostra cultural, que ocorre sempre no final do primeiro semestre na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”. Trata-se, portanto, de um projeto a ser desenvolvido na escola investigada com a participação famílias das crianças matriculadas.

Finaliza-se a pesquisa, sugerindo à equipe pedagógica da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” a realização desse estudo dirigido a ser trabalhado entre o final do primeiro semestre de 2025, em especial nos meses de maio e junho, para que os pais, mães e responsáveis das crianças conheçam a história da festa junina e, junto à escola, decidam as características e os critérios da festa como um elemento importante da cultura, o que pode culminar nas discussões sobre a festa junina nas escolas do Município de Vila Velha-ES.

CONCLUSÃO

A festa junina é uma das celebrações mais marcantes e tradicionais do calendário brasileiro, caracterizada por uma rica mistura de elementos religiosos e culturais. Neste estudo, foi proposto uma análise científica do diálogo entre religião e cultura que se manifesta na festa junina, explorando suas origens históricas, significados simbólicos e influências mútuas. Isso foi realizado na tentativa de dialogar sobre as situações de intolerância religiosa que podem ocorrer no ambiente escolar nas UMEIs do sistema educacional de Vila Velha-ES.

Diante do estudo realizado, considera-se que as festas juninas são fenômenos culturais que sofrem com o preconceito religioso existente nas instituições escolares brasileiras, demonstrando ser um estudo inédito e interessante, porque retrata o diálogo e a participação dos pais, mães e responsáveis. No entanto, considera-se que esse não seja o único caminho a ser seguido, pois, certamente outras dimensões podem ser exploradas em outros estudos que se proponham trabalhar o tema sob outros enfoques, uma vez que existem poucos trabalhos científicos que abordam essa temática. Há a escassez de trabalhos pautados neste tema, mas também nota alguns desafios a serem superados em relação à forma como algumas pessoas – incluindo alguns pesquisadores da educação – reagem frente ao anúncio de um trabalho que tome as festas juninas escolares como mote de discussão.

Conforme anunciado na introdução, a ideia de desenvolver um trabalho sobre esse tema partiu de uma inquietação da pesquisadora, ao perceber que algumas crianças são impedidas por seus responsáveis de participarem das festas juninas. Com isso, levantou-se a hipótese de que a cultura religiosa desses responsáveis poderia estar dificultando o diálogo inter-religioso e intercultural. No primeiro capítulo, buscou-se, então, mensurar as concepções de religião e cultura a partir das perspectivas das Ciências das Religiões, demonstrando como esse campo tem enfrentado embates significativos para se consolidar enquanto campo acadêmico.

No segundo capítulo, as contribuições consistiram em trazer uma compreensão aprofundada sobre as manifestações culturais e religiosas presentes na festa junina, que consolidaram sua importância no calendário escolar nas escolas públicas e particulares em todo o país. Elas emergem como reflexo das manifestações únicas de interação entre fé e tradição cultural. Além disso, empreende-se uma análise das DCNs para a Educação Infantil de Vila Velha-ES, com o objetivo de compreender em que medida a Secretaria Municipal de Educação tem se preocupado com a formação cultural das crianças que estudam nas escolas municipais de Educação Infantil.

Tudo isso culminou no entendimento que a rede de ensino de Vila Velha-ES deixa a cargo da comunidade escolar a decisão de realizar ou não realizar a festa junina. No entanto, há orientações para os/as gestores/as escolares em relação ao diálogo com a comunidade evangélica, para evitar possíveis conflitos. Essa postura demonstra a ausência de uma política pública que priorize a diversidade e a inclusão religiosa.

No terceiro capítulo, evidenciou-se nos diálogos com os pais, mães, avós e responsáveis o quanto é necessário a escola estar aberta para dialogar com esses indivíduos, com o intuito de trazer novos conhecimentos e contribuir para a interpretação reflexiva da sua própria cultura. Nesta parte da pesquisa, percebeu-se que as atitudes de intolerância religiosa e de racismo religioso precisam ser vistas e problematizadas. Essas atitudes foram fortemente notadas no momento em que essas pessoas participaram das entrevistas e disseram que as crianças não tinham autorização para participarem das festas juninas, porque tais festas denigrem ou deturpam a doutrina religiosa que elas aprendem em suas igrejas. Na verdade, essas pessoas expressaram muito mais que isso, de modo que esse tipo de postura precisa ser repensada.

Portanto, finaliza-se esta pesquisa apresentando para a comunidade escolar e local uma proposta de estudo dirigido em torno da importância da festa junina na escola. O estudo deve ser divulgado, inicialmente, para a equipe gestora e pedagógica da escola. Após sua aprovação, deverá ser divulgada para a comunidade escolar, para que os pais, mães e responsáveis possam participar. O estudo dirigido também pode ser oferecido às lideranças religiosas do entorno da escola, para que se alcance um maior número de pais, mães e responsáveis, bem como para que a escola cumpra a sua função social na comunidade onde está inserida.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alceu M. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- ARROYO, Miguel G. *Indagações sobre currículo: educandos e educadores, seus direitos e o currículo*. Brasília: MEC; SEB, 2008.
- BORIN, Luiz C. *História do Ensino Religioso no Brasil*. Santa Maria: UAB; NTE; UFSM, 2018.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017.
- CAMPOS, Judas T. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. *Revista Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 589-606, 2007.
- CANDAU, Vera M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, 2008.
- CAMURÇA, Marcelo A. Por uma perspectiva simétrica entre o saber e o religioso e o das Ciências da Religião. In: SILVEIRA, Emerson J. S. (org.). *Como estudar as religiões: metodológicas e estratégicas*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 7-40.
- CORTELLA, Mario S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Cortez, 1998.
- CORTELLA, Mario S. Educação, Ensino Religioso e formação docente. In: SENA, Luzia. (org.). *Ensino religioso e formação docente*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Origens: perspectivas do homem*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FAÇANHA, Marta B.; STEPHANINI, Valdir. Aspectos do Ensino Religioso na Base Nacional Currículo Comum: os fundamentos para educação de qualidade. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 477-496, 2021.
- FERREIRA, Renan C.; BRANDENBURG, Laude E. O Ensino Religioso e a BNCC: possibilidades de se educar para a paz. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 508-522, 2019.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- GUERRIERO, Silas. Antropologia da religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank. (orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 243-256.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo E.; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. *Revista Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 433-456, 2012.

IBGE. *Censo Demográfico*: 2010. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censos>. Acesso em: 20 ago. 2024.

KUNZENDORFF, Catia N. *A religiosidade nas práticas dos/as discentes da Educação Infantil na UMEI Professora “Nirlene de Oliveira Almeida” no Município de Vila Velha na compreensão docente*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.

MAZUCO, Maria C. A. *Ensino Religioso e democracia: expressões religiosas das festas juninas na Educação Infantil pública de Vila Velha-ES*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. [Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil]. Brasília: CNE; CEB. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

PESSOA, Silvério L. *Expressões da religiosidade popular: Sul da França (Cultura Occitana) e Pernambuco em diálogos e conexões*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

PIEPER, Frederico. Ciências da Religião nas universidades públicas brasileiras: modelos de implementação e desafios. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 25-45, 2019.

RODRIGUES, Edile; JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; MARTINS FILHO, L. J. “Desenvolvimento Religioso”. In: JUNQUEIRA, Sérgio R. A.; BRANDENBURG, Laude; KLEIN, Remi. (orgs.). *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. p. 206-218.

ROCHA, Tânia M. H. *A Festa da Penha e as Ciências das Religiões: estudo de caso na (UMEI) “Pedro Pandolfi”, Vila Velha-ES*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2022.

RUY, Susan G. R. *Religiosidade e Educação Infantil: um olhar sobre a UMEI Basílio Costalonga, Vila Velha-ES*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.

SENRA, Flavio. A pós-graduação em Ciência da Religião e Teologia no quadriênio 2013-2016. *Revista Interações*, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 526-533, 2018.

SOUSA, Nadiel C. *O corpo na festa junina: reflexões simbólicas e estéticas para a Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SOUZA, Andréa S. *O legado fundamentalista do Seminário Teológico de Westminster: reformistas x reconstrucionistas no espaço público americano*. Tese (Doutorado em Ciência da

Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SPRESSOLA, Nilmara H. *Currículo em ação e a temática religiosa na Educação Infantil: a voz das crianças*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

STEIL, Carlos A.; TONIOL, Rodrigo. A crise do conceito de religião e sua incidência sobre a antropologia. In: GIUMBELLI, Emerson; BÉLIVEAU; Verónica G. (orgs.). *Religión, cultura y política en las sociedades del Siglo XXI*. Buenos Aires: Biblos, 2013. p. 137-158.

TODA MATÉRIA. *Quadrilha*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/quadrilha/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VILA VELHA (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil do Município de Vila Velha: desvelando histórias... produzindo saberes*. Vila Velha: Prefeitura Municipal, 2008. Disponível em: <https://www.vilavelha.es.gov.br/setor/educacao/educacao-infantil>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VILA VELHA (Cidade). UMEI Terezinha Pagotti. *Projeto Político Pedagógico*. Vila Velha: Secretaria Municipal de Educação, 2023.

VITÓRIA (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *A Educação Infantil do município de Vitória: um outro olhar*. Vitória: Prefeitura Municipal, 2006.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

APÊNDICE A: ENTREVISTA COM OS PAIS, MÃES E RESPONSÁVEIS

- 1- Você aceita participar desta entrevista que tem como objetivo compreender os motivos que levam os pais, mães, avós e responsáveis a não autorizarem seus filhos e filhas a participarem da Festa Junina na escola? ☐ Sim ☐ Não
- 2- Qual o seu Gênero? ☐ masculino ☐ feminino Outros
- 3- Qual a sua cor /raça? ☐ Preto ☐ pardo ☐ branco ☐ indígena ☐ amarelo
- 4- Qual o seu nível de escolaridade: ☐ Ensino Fundamental completo ☐ Ensino Fundamental incompleto ☐ Ensino Médio ☐ ensino Médio incompleto ☐ graduação.
- 5- Em sua opinião, a festa junina na escola UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” é uma festa: ☐ Festa que remete a cultura ☐ Festa que remete as religiões (☐) Festa que remete as brincadeiras e danças apenas.() outros.
- 6- Você autoriza ou já autorizou seu filho/a participar da festa junina na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”? ☐ Sim autorizo. ☐ Não nunca autorizei .() Já autorizei , mas hoje não autorizo mais.
- 7- Você já perguntou para seu filho/a se ele/a gostaria de participar da festa junina na escola antes de proibir a participação? ☐ sim. ☐ Não ☐ as vezes.
- 8- A UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” envia a letra da música para as famílias conhecerem as músicas que as crianças irão apresentar na Festa Junina? ☐ sim. ☐ as Vezes.() Não.
- 9- Você á foi convidado/a para participar de reuniões na UMEI “Terezinha Agostini Pagotti” para tratar sobre o assunto da Festa Junina? ☐ Sim todos os anos os pais são convidados a participar de reunião sobre Festa Junina. ☐ Não, nunca fui convidado a participar de reunião sobre Festa Junina. ☐ Fui convidado, mas por motivos pessoais não pude comparecer.
- 10- 10- Você leu ou ouviu falar sobre a Proposta Pedagógica da UMEI “Terezinha Agostini Pagotti”? ☐ sim. ☐ Não
- 11- Porque você não autoriza seu filho (a) a participar das festas juninas realizadas na escola?
- 12- Qual a sua religião / denominação?

ANEXO A: DECLARAÇÃO DE MATRÍCULA NO MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES



Faculdade Unida de Vitória
Mestrado - Renovação de Reconhecimento
Portaria nº 516, de 13/06/2022 - DOU de 14/07/2022
Doutorado – Portaria de Reconhecimento
Portaria nº 516, de 13/07/2021 - DOU de 14/07/2021



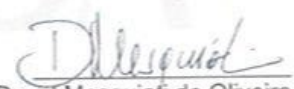
Vitória/ES, 5 de setembro de 2024.



O Coordenador do curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, no uso de suas atribuições regimentais, vem por meio desta apresentar o(a) aluno(a) **Juliana Vidal Prado** portador(a) do CPF **053.946.667-09**, e regularmente matriculado(a) nesta Instituição de Ensino Superior, neste semestre, sob o número de matrícula **3066461**, no curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões.

O(a) aluno(a) é orientando(a) do(a) Professor(a) Dr(a). Sergio Luiz Marlow, e sua pesquisa tem como tema: "O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CULTURA COM OS PAIS E RESPONSÁVEIS NA "UMEI TEREZINHA AGOSTINI PAGOTTI" A PARTIR DA FESTA JUNINA NA ESCOLA". O trabalho se presta a fins acadêmicos.


Lara M. Leonel Soares Costa
Diretora Escolar
Port. Nº 434/2021


David Mesquita de Oliveira
Coordenador do curso de Mestrado
Profissional em Ciências das Religiões

